

A Liahona

MATÉRIA DA CAPA:
Por que Choras? Como Obter Consolo
de um Túmulo Vazio, página 8

Segredos para o Sucesso das
Escrituras, páginas 15 e 16

Conheça Pessoas que Amam Você,
página A8



PARA OS ADULTOS

- 2 Mensagem da Primeira Presidência: Tornar-nos o Melhor que
Podemos Ser *Presidente Thomas S. Monson*
- 8 Clássicos do Evangelho: Do Jardim ao Túmulo Vazio
- 12 Encontrar a que Estava Perdida *Marie Sanchez*
- 25 Mensagem das Professoras Visitantes: Enfatizar o Valor Divino
de Cada Irmã
- 28 A Proclamação: Um Guia, um Consolo e uma Inspiração *E. Jeffrey Hill*
- 33 Duas Crianças no Meu Pé *Ida L. Ewing*
- 34 Solteiros e Casados: Juntos na Fé *Kathleen Lubeck Peterson*
- 39 Vozes da Igreja

A Última Entrevista *Ofelia J. Hurtado*
Mantimentos ou Dízimos? *Charlotte Arnold*
Seu Livro É um Livro Verdadeiro *Ann Cue*
Crescer no Evangelho
Douglas Zardo

34 Solteiros e Casados:
Juntos na Fé



IDÉIAS PARA A NOITE FAMILIAR

*Estas idéias podem ajudá-lo
a usar esta edição
d'A Liahona para refor-
çar seu ensino tanto na
sala de aula como em
casa.*

**"Do Jardim ao
Túmulo Vazio",** página

8. Use este artigo para criar um
programa de Páscoa. Designe os
membros da família a lerem as cita-
ções na ordem. Escolha músicas ou
hinos sobre o Salvador, sobre a
Páscoa ou o sacramento, para canta-
rem intercaladas à leitura das cita-
ções. Ao término do programa,
preste testemunho.

**"Por que as Temos Diante dos
Olhos",** página 16. Selecione um

capítulo do Livro de Mórmon
que você sinta ser significa-
tivo para sua família.

Explique os cinco princípios
do estudo das escritu-
ras ensinados pelo

Élder Bednar e incorpore-os ao
estudo dos capítulos seleciona-
dos. Pense na possibilidade de
começar um diário de escrituras
para a família, no qual você registre
as idéias e inspirações importantes
para sua família.

"A Volta Perfeita", página 44.
Escreva algumas circunstâncias



PARA OS JOVENS

- 7 Pôster: Onde Está, Ó Morte, a Tua Vitória?
- 15 Meu Segredo com as Escrituras
Melissa Domeyer Aina
- 16 Por que as Temos Diante dos Olhos
Élder David A. Bednar
- 22 Lutando para Encontrar a Verdade
Don L. Searle
- 26 Paz no Lar
Nome Omitido
- 44 A Volta Perfeita
Richard D. Hawks
- 46 Perguntas e Respostas: Os meninos da escola me atormentam e zombam de mim constantemente porque sabem que sou membro da Igreja. Como lidar com essa situação?



22 A Luta para Encontrar a Verdade



O Pai Celestial fez muitas promessas aos Seus filhos. Ao escolhermos o que é certo, podemos fazer jus a essas promessas. A partir desta edição, a revista *A Liahona* incluirá uma gravura de um anel do CTR por mês. Ao procurar descobrir o anel do CTR escondido nesta edição, lembre-se do quanto você é grato ao Salvador.

comuns nas quais as pessoas possam sentir-se ofendidas. Faça um teatrinho em que os membros da família representem os papéis dessas situações, e use este artigo para falar sobre como podemos ser mais sensíveis aos sentimentos das outras pessoas, e perdoar em vez de nos sentirmos ofendidos.

“Um Mestre Familiar Extraordinário”, página A10. Leia o artigo e coloque em discussão na família o que o irmão Erickson fez de bom como mestre familiar. Quais são as qualidades de um mestre familiar atencioso? Discuta como desenvolver essas qualidades

cristãs. Preste testemunho sobre a importância de ajudar a atender as necessidades das pessoas.

“Por que Eu Creio em Jesus Cristo”, página A14. Escreva em pedaços de papel as palavras em negrito que aparecem no artigo. Coloque-os em um recipiente. Depois de ler o artigo em voz alta, peça a cada membro da família que retire um dos papéis e fale sobre como essas coisas ajudaram Lindsey a obter um testemunho. Convide cada membro da família a falar sobre o que ajudou seu testemunho a crescer, e peça-lhe que escreva seus sentimentos, faça um desenho ou cante uma música.

O AMIGO—PARA AS CRIANÇAS

- A2 Vinde ao Profeta Escutar: Ele Vive!
Presidente Gordon B. Hinckley
- A4 Posso Arrepender-me e Ser Feliz
Linda Magleby
- A6 Da Vida do Presidente Wilford Woodruff: Eles Estavam Dizendo a Verdade
- A8 Pessoas que Amam e Servem Você
- A10 Um Mestre Familiar Extraordinário
Tess Hilmo
- A13 Música: Sua Mansa Voz
Merrill Bradshaw
- A14 Por que Eu Creio em Jesus Cristo
Lindsey M.
- A16 Tentar Ser como Jesus: Minha Decisão de Ser Batizado
José M.
- A10** Um Mestre Familiar Extraordinário



NA CAPA

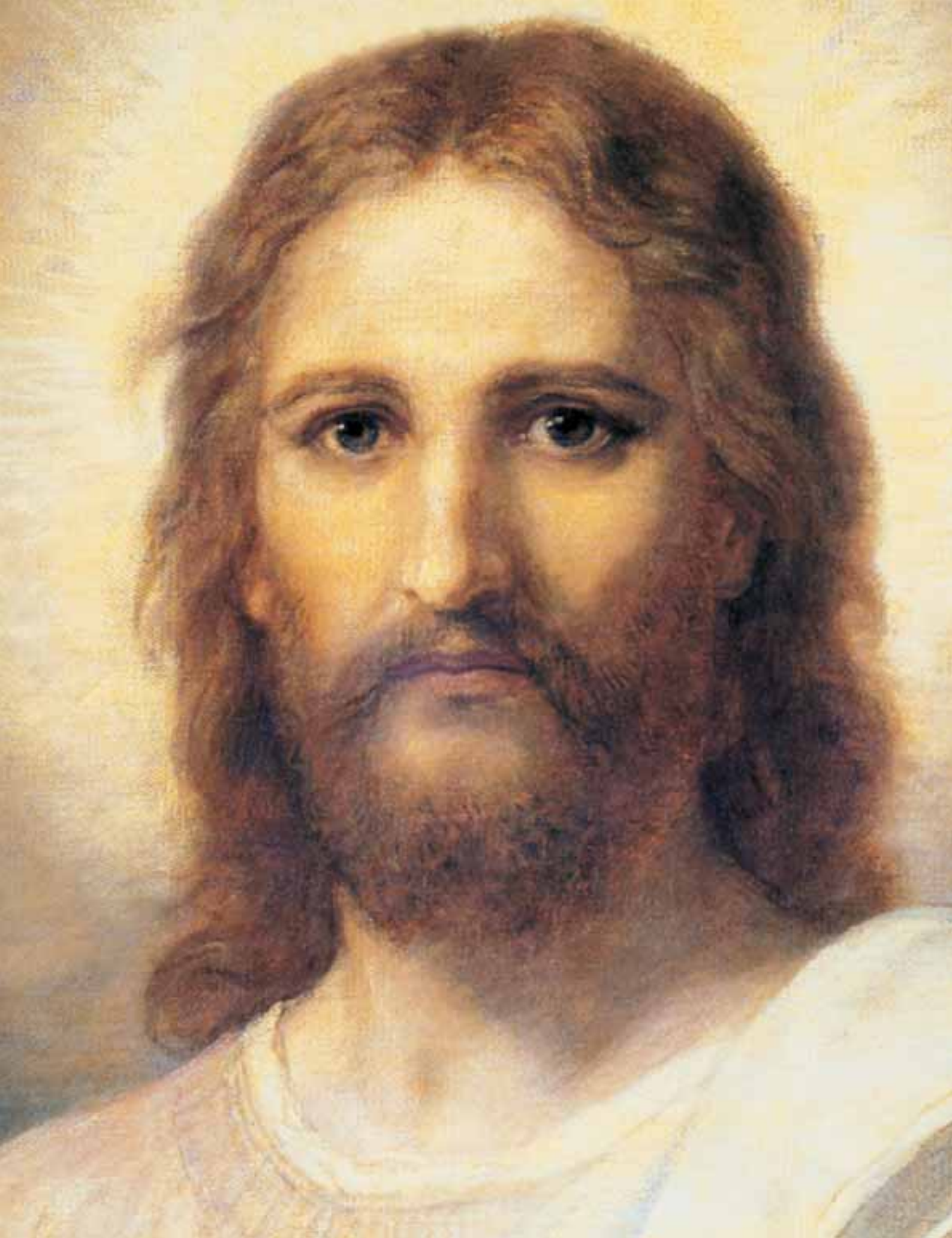
Primeira capa: *Ceia em Emaús*, de Carl Heinrich Bloch, cortesia do Museu Histórico Nacional de Frederiksborg, em Hillerød, Dinamarca. Última capa: *Não Está Aqui*, de Mark Elbert Eastmond. Não pode ser copiado.

CAPA DE O AMIGO

Como Eu Vos Amei, de Simon Dewey, cortesia de Altus Fine Art, American Fork, Utah. Não pode ser copiado.

TÓPICOS DESTA EDIÇÃO

A=O Amigo	Mestres familiares, 6,
Amor, A8	A10
Arrependimento, A4	Morte, 28
Batismo, A16	Música, A13
Casamento no templo, 12, 39	Natureza divina, 25
Contendas, 26	Noite familiar, 1
Crucificação, 8	Obra missionária, 22, 39,
Cuidar dos filhos, 28, 33	A6
Dizimo, 39	Ordenanças do templo, 12
Ensino, 1	Páscoa, 8, A2
Espírito Santo, A13	Perseguição, 46
Estudo das escrituras, 15, 16	Polônia, 22
Exemplo, 2, 44, 46	Primária, A4
Expição, 8	Proclamação da família, 28
Família, 12, 26, 28, 33	Professoras visitantes, 25
História da família, 12	Ressurreição, 7, 8
Jesus Cristo, 2, 7, 8, A2, A14	Serviço, 2, 39, A8
Livro de Mórmon, 0, 22, 39	Solteiros, 34
	Testemunho, A6, A14
	União, 34, 44



Tornar-nos o Melhor que Pudermos Ser

PRESIDENTE THOMAS S. MONSON

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Em uma época remota e em um lugar distante, nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, ensinou às multidões e a Seus discípulos “o caminho, e a verdade e a vida”.¹ Deu-lhes orientações preciosas com Suas palavras sagradas. Deixou-nos o modelo perfeito com Sua vida exemplar.

Seus ensinamentos e Seu exemplo levaram Pedro a fazer esta pergunta: “Que pessoas vos convém ser?”² Durante Seu ministério no continente americano, o Senhor Jesus Cristo disse algo muito importante ao responder a uma pergunta semelhante: “Que tipo de homens deveis ser? Em verdade vos digo que deveis ser como eu sou”.³

Buscar o Melhor em Nós

Em Seu ministério mortal, o Mestre indicou-nos como devemos viver, ensinar e servir, e o que devemos fazer para tornar-nos o melhor que pudermos ser.

Uma dessas lições se encontra no livro de João, na Bíblia Sagrada:

“Filipe achou Natanael, e disse-lhe: Havemos achado aquele de quem Moisés escreveu na lei, e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José.

Disse-lhe Natanael: Pode vir alguma coisa boa de Nazaré? Disse-lhe Filipe: Vem, e vê.

Jesus viu Natanael vir ter com ele, e disse dele: Eis aqui um verdadeiro israelita, em quem não há dolo.”⁴

Em nossa jornada mortal, o seguinte conselho do Apóstolo Paulo nos traz orientação celestial: “Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai”. Em seguida, recomendou o seguinte: “O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso fazei; e o Deus de paz será convosco”.⁵

Em nosso esforço para tornar-nos o melhor que pudermos ser, várias perguntas guiarão nossos pensamentos: Sou quem desejo ser? Estou mais perto do Salvador hoje do que estive ontem? Estarei mais próximo amanhã? Tenho coragem de mudar para melhor?

Escolher o Caminho da Família

Está na hora de decidirmos trilhar um caminho freqüentemente esquecido, que poderíamos chamar de “o caminho da família”, para que nossos filhos e netos consigam



Em nosso esforço para tornar-nos o melhor que pudermos ser, várias perguntas guiarão nossos pensamentos: Sou quem desejo ser? Estou mais perto do Salvador hoje do que estive ontem? Estarei mais próximo amanhã? Tenho coragem de mudar para melhor?

É no lar que formamos nossas atitudes, nossas crenças mais profundas. É no lar que se acalenta ou se destrói a esperança. Nosso lar deve ser um lugar onde o Espírito de Deus habite; onde encontremos refúgio contra a tempestade e onde reinem o amor e a paz.



de fato alcançar todo o potencial deles. Há uma tendência internacional que traz a seguinte mensagem não proferida: “Voltem para suas raízes, para sua família, para as lições aprendidas, para as vidas vividas, para os exemplos dados, ou seja, para os valores familiares”. Muitas vezes, trata-se simplesmente de voltar para casa— para os sótãos há muito abandonados, diários raramente lidos e álbuns de fotografias quase esquecidos.

O poeta escocês James Barrie escreveu: “Deus concedeu-nos a memória para que tivéssemos as rosas da primavera no outono de nossa vida”.⁶ Que lembranças guardamos de nossa mãe? De nosso pai? De nossos avós? De nossa família? De nossos amigos?

Que lições aprendemos com nossos pais? Há alguns anos, um pai perguntou ao Élder ElRay L. Christiansen (1897–1975), Assistente dos Doze Apóstolos, que nome ele sugeriria para o barco que acabara de comprar. O Élder Christiansen sugeriu: “Que tal chamá-lo de *O Violador do Dia do Senhor*?” Tenho certeza de que o futuro iatista refletiu se aquele bem de que tanto gostava e se orgulhava o ajudaria a guardar ou a quebrar o Dia do Senhor. Seja qual for a decisão tomada por ele, certamente ela deixou em seus filhos uma impressão duradoura.

É no lar que formamos nossas atitudes, nossas crenças mais profundas. É nele que se acalenta ou se destrói a esperança. Nosso lar deve ser mais do que um santuário; deve ser também um local onde o Espírito de Deus habite, onde encontremos refúgio contra a tempestade e onde reinem o amor e a paz.

Uma jovem mãe me escreveu, dizendo: “Por vezes, fico me perguntando se estou exercendo uma influência positiva na vida de meus filhos. Como eu os crio sozinha e preciso trabalhar em dois empregos para sobreviver, às vezes quando chego em casa deparo-me com o caos, mas jamais perco a esperança.

Certo dia, meus filhos e eu estávamos assistindo à transmissão da conferência geral na televisão e o



vimos fazendo um discurso sobre a oração. Um de meus filhos disse: 'Mãe, você já nos ensinou isso'. Perguntei: 'Como assim?' Ele respondeu: 'Você ensinou-nos a orar e mostrou-nos a forma de fazê-lo, mas ontem à noite fui até seu quarto para pedir algo e vi você de joelhos orando para o Pai Celestial. Se Ele é importante para você, então é importante para mim!'” No fim da carta, ela escreveu: “Acho que nunca saberemos a influência que exercemos sobre os filhos até que um deles nos veja fazer o que já tentamos lhe ensinar”. Que lição maravilhosa aquele filho aprendeu com a mãe!

Quando eu era pequeno, fiz uma descoberta surpreendente na Escola Dominical, em um Dia das Mães que nunca esqueci em todos esses anos. Melvin, um irmão cego de nossa ala, que tinha uma voz muito bonita, levantou-se e virou-se para a congregação como se estivesse vendo todos. Cantou, então *“That Wonderful Mother of Mine”* [Minha Mãe Maravilhosa]. Aquilo avivou lembranças nítidas e cálidas e tocou o coração de todos os presentes. Os homens precisaram pegar seus lenços, e os olhos das mulheres ficaram rasos d'água.

Nós, os diáconos, caminhamos pela congregação levando um vaso de barro com um gerânio para ofertar a cada mãe. Algumas delas eram jovens, outras de meia idade, e algumas já estavam quase partindo desta vida por causa da idade avançada. Percebi que havia bondade nos olhos de cada mãe. Todas agradeceram pelo presente. Senti fortemente o espírito do provérbio: “Sempre fica um pouco de perfume nas mãos de quem oferece rosas”. Nunca esqueci a lição que aprendi, nem jamais a esquecerei.

Dedicar Nossa Vida ao Serviço

Os anos passam, mas a necessidade vital de termos um testemunho do evangelho permanece inalterada. Ao caminharmos rumo ao futuro, não podemos negligenciar as lições do passado. Nosso Pai Celestial deu Seu

Espera-se que dediquemos nossa vida ao serviço. Há lições a serem ensinadas, almas a serem salvas.



Filho. O Filho de Deus deu Sua vida. Eles nos pedem que também doemos nossa vida, por assim dizer, para o serviço divino Deles. Vocês farão isso? Eu farei isso? Estamos dispostos a fazê-lo? Há lições a serem ensinadas, atos de bondade a serem realizados e almas a serem salvas.

Lembremo-nos do conselho do rei Benjamim: “Quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus”.⁷ Estendam a mão para auxiliar as pessoas que necessitarem de sua ajuda. Ajudem-nas para que trilhem a senda mais elevada e o caminho mais excelente. Tal como cantamos na Primária: “Ensinai-me, ajudai-me as leis de Deus guardar, para que um dia eu vá com ele habitar”.⁸

A verdadeira fé não é privilégio das crianças, mas se aplica a todos. Aprendemos em Provérbios:

“Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento.

Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas.”⁹

Quando assim o fazemos, percebemos que estamos realizando a Sua santa obra e contribuindo para que Seus desígnios divinos sejam cumpridos, e que estamos participando desse cumprimento.

Gostaria de ilustrar essa verdade com uma experiência pessoal. Há muitos anos, quando servia como bispo, senti que devia visitar Augusta Schneider, uma viúva que tinha vindo da região da Alsácia-Lorena, na Europa, e mal falava o inglês, embora fosse fluente no francês e no alemão. Depois daquele primeiro sussurro do Espírito, visitei aquela irmã por muitos anos na época do Natal. Em certa ocasião, Augusta disse: “Bispo, gostaria de dar-lhe de presente algo que tem muito valor para mim”. Foi até um cantinho especial de seu humilde apartamento e pegou o presente. Era um bonito pedaço de feltro, de quinze por vinte centímetros, no qual estavam pregadas as medalhas que o marido dela recebera por seu serviço nas forças armadas da França na Primeira Guerra Mundial. Ela disse: “Gostaria de dar-lhe

este tesouro pessoal que me é tão caro”. Protestei educadamente, sugerindo que devia haver algum parente seu a quem ela poderia ofertar aquela dádiva. “Não”, respondeu ela com firmeza, “o presente é seu porque você tem a alma de um francês.”

Pouco depois de dar-me aquele presente especial, Augusta despediu-se da mortalidade e voltou para aquele Deus que lhe dera a vida. De tempos em tempos, eu ficava pensando no que ela tinha dito sobre eu ter “a alma de um francês”. Não fazia a menor idéia do que ela queria dizer com aquilo e ainda não faço.

Muitos anos depois, tive o privilégio de acompanhar o Presidente Ezra Taft Benson (1899–1994) na dedicação do Templo de Frankfurt Alemanha, que iria atender a membros de língua alemã, francesa e holandesa. Ao fazer as malas para a viagem, fui inspirado a levar comigo aquelas medalhas que ganhara, sem questionar o motivo disso. Elas já estavam comigo havia muitos anos.

Em uma das sessões dedicatórias em francês, o templo estava lotado. Os hinos e mensagens apresentadas foram de grande beleza. A gratidão pelas bênçãos de Deus penetrava cada coração. Vi na ata que naquela sessão havia vários membros da região da Alsácia-Lorena.

Em meu discurso, percebi que o sobrenome do organista era Schneider. Assim, fiz um relato de minha amizade com Augusta Schneider. Em seguida, dirigi-me ao organista e dei-lhe as medalhas, dizendo que, por ter o sobrenome Schneider, ele tinha a responsabilidade de dedicar-se à pesquisa genealógica da família Schneider. O Espírito do Senhor confirmou em nosso coração que aquela era uma sessão muito especial. O irmão Schneider teve muita dificuldade para tocar o último hino, tal foi a emoção que o invadiu devido ao Espírito que sentimos no templo.

Eu sabia que aquele presente estimado—verdadeiramente a oferta da viúva, pois era tudo que Augusta possuía—fora confiado a alguém que faria tudo a seu alcance para que muitas almas da França recebessem as bênçãos que os templos sagrados colocam ao alcance tanto dos vivos como dos que já deixaram a mortalidade.

Testifico que a Deus tudo é possível. Ele é nosso Pai Celestial, e Seu Filho é nosso Redentor. Ao esforçar-nos para aprender Suas verdades e colocá-las em prática,

nossa vida, bem como a de outras pessoas, será ricamente abençoada.

Declaro solenemente que Gordon B. Hinckley é um profeta verdadeiro para os nossos dias e que ele está sendo guiado do alto nesta grande obra que segue avante sob sua liderança.

Recordemos sempre que a obediência aos mandamentos de Deus traz consigo as bênçãos prometidas. Que todos nos tornemos dignos de recebê-las. ■

NOTAS

1. João 14:6.
2. II Pedro 3:11.
3. 3 Néfi 27:27.
4. João 1:45–47.
5. Filipenses 4:8–9.
6. Ver *A Liabona*, novembro de 2005, p. 59.
7. Mosias 2:17.
8. Naomi W. Randall, “Sou um Filho de Deus”, *Hinos*, nº 193.
9. Provérbios 3:5–6.

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

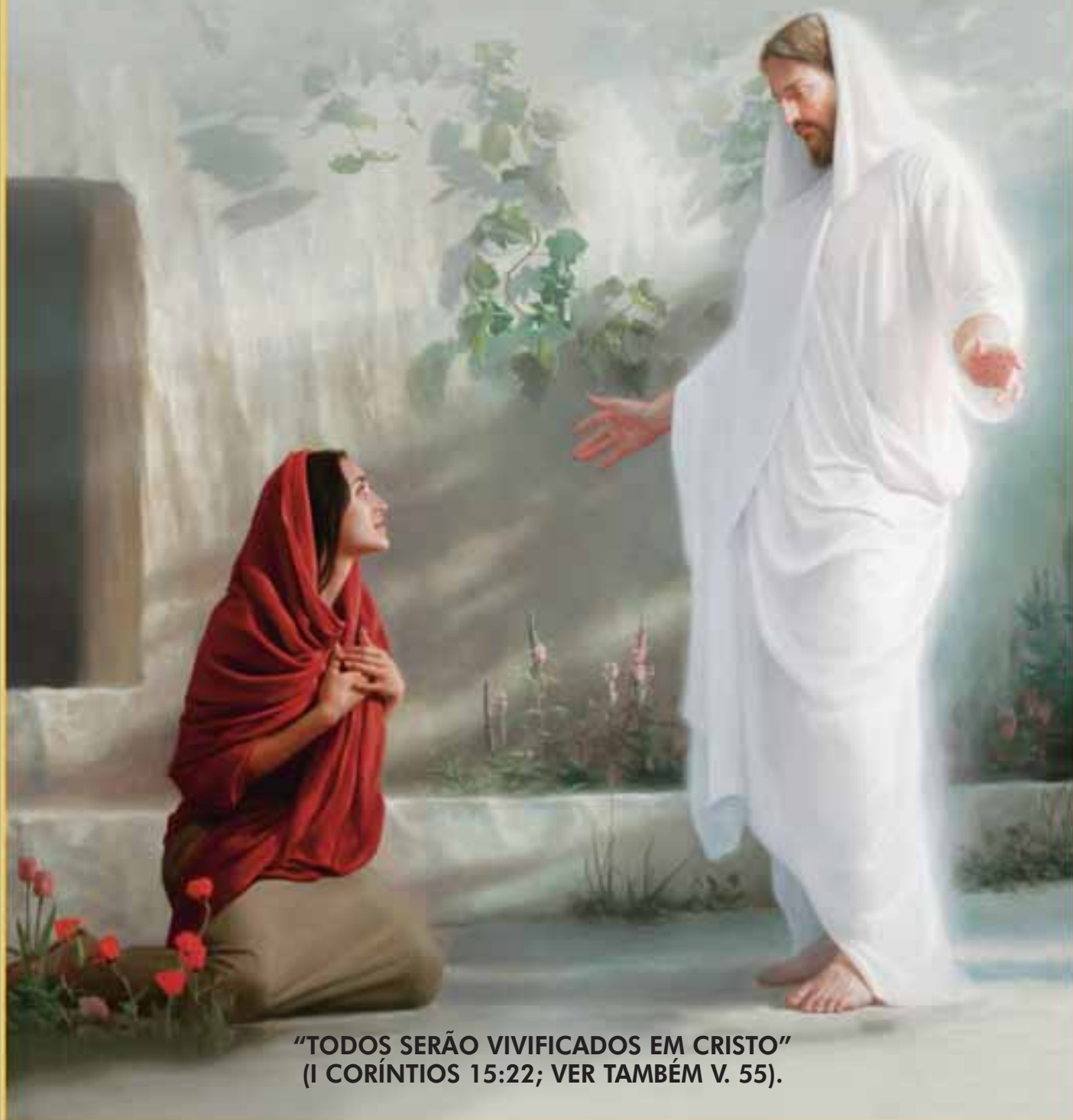
Depois de se preparar em espírito de oração, compartilhem essa mensagem, utilizando um método que incentive a participação daqueles que vocês estiverem ensinando. Seguem-se alguns exemplos.

1. Leve os seguintes objetos (ou outros semelhantes) com você em sua visita: um espelho, a fotografia de uma casa, uma ferramenta de jardinagem. Leia 3 Néfi 27:27 e pergunte o que essa escritura tem a ver com esses três objetos. Explique-lhes que o Presidente Monson nos ensinou três maneiras pelas quais podemos ser semelhantes a Jesus Cristo. Ao estudar cada seção, use o objeto correspondente como lembrete visual do ensinamento. (Por exemplo: use o espelho com a seção “Buscar o Melhor em Nós”.)

2. O Presidente Monson perguntou: “Que lições aprendemos com nosso pai?” Compartilhe um exemplo do artigo. Depois, pergunte aos membros da família que lições eles aprenderam com a própria família. Se for adequado, peça-lhes que escrevam relatos para serem acrescentados à história da família deles.

3. Depois de revisar a mensagem, pergunte: “O que mais os impressionou na mensagem do Presidente Monson? O que vocês acham que o Presidente Monson deseja que aprendamos com essa mensagem? O que vocês acham que o Presidente Monson quer que façamos como resultado desses ensinamentos?”

ONDE ESTÁ, Ó MORTE, A TUA VITÓRIA?



**“TODOS SERÃO VIVIFICADOS EM CRISTO”
(I CORÍNTIOS 15:22; VER TAMBÉM V. 55).**

Do Jardim ao Túmulo Vazio

O Getsêmani

Élder James E. Talmage (1862–1933)

“Getsêmani.—O nome significa ‘prensa de azeite’ e provavelmente se refere a uma instalação existente no lugar para a extração do óleo das oliveiras ali cultivadas. João refere-se ao local como um horto, e dessa designação podemos imaginar o lugar como uma área cercada, de propriedade particular. O mesmo autor indica que se tratava de lugar freqüentado por Jesus, quando buscava tranquilidade para orar, ou oportunidade para conversa confidencial com os discípulos (João 18:1, 2)” (*Jesus, o Cristo*, Traduzido para o português em 1971, p. 599).

Presidente Joseph Fielding Smith (1876–1972)

“Falamos da paixão de Jesus Cristo. Muita gente pensa que Seu maior sofrimento foi quando estava na cruz e Lhe traspassaram as mãos e os pés com cravos. (. . .) Foi no Horto do Getsêmani que o sangue Lhe brotou pelos poros do corpo: ‘Sofrimento que fez com que eu, Deus, o mais grandioso de todos, tremesse de dor e sangrasse por

todos os poros; e sofresse, tanto no corpo como no espírito—e desejasse não ter de beber a amarga taça e recuar’ [D&C 19:18].

Esse sofrimento não aconteceu na cruz, mas sim no horto. Foi ali que Ele sangrou por todos os poros do corpo.

Bem, não consigo compreender tal dor. Já sofri dor, vocês já sofreram dor, e por vezes ela tem sido bastante forte; mas não consigo compreender uma dor que seja *mais angústia mental do que física*, que faça o sangue brotar do corpo como o suor. Foi uma coisa terrível, uma coisa espantosa; por isso podemos entender por que Ele chegou a clamar ao Pai:

‘Se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres’ [Mateus 26:39]” (*Doutrinas de Salvação*, compilado por Bruce R. McConkie, 3 volumes [1976], volume 1, p. 141).

Presidente Ezra Taft Benson (1899–1994)

“Na noite em que Jesus foi traído, Ele tomou três dos Doze e foi a um local chamado Getsêmani. Ali sofreu as dores de toda a humanidade. Sofreu como somente Deus poderia,

tomando sobre Si nossas dores, carregando nossos pesares, sendo ferido pelas nossas transgressões e submetendo-Se voluntariamente à iniquidade de todos nós, exatamente como Isaías havia profetizado (ver Isaías 53:4–6).

Foi no Getsêmani que Jesus tomou sobre Si os pecados do mundo, no Getsêmani Sua dor foi equivalente aos fardos acumulados de todos os homens, no Getsêmani Ele desceu abaixo de todas as coisas a fim de que todos pudessem arrepender-se e vir a Ele. A mente mortal não pode compreender, as palavras não podem expressar, os escritos não podem descrever a amplitude, a profundidade, a altura do sofrimento do nosso Senhor—nem Seu infinito amor por nós” (*The Teachings of Ezra Taft Benson* [Ensinamentos de Ezra Taft Benson] [1988], p. 14).

Élder James E. Talmage

“A agonia de Cristo no jardim é insondável para a mente finita, tanto em intensidade quanto em causa. (. . .) Não se tratava de dor física, nem apenas de angústia mental, que O fizera sofrer tortura tão grande até

produzir a extrusão de sangue de todos os Seus poros, mas sim de uma agonia da alma, de tal magnitude, que somente Deus seria capaz de experimentar. Nenhum outro homem, por maiores que fossem seus poderes de resistência física e mental, poderia ter sofrido assim; porque seu organismo humano teria sucumbido e a síncope teria trazido a inconsciência e o abençoado alívio. Naquela hora de angústia, Cristo enfrentou e venceu todos os

horrores que Satanás, ‘o príncipe deste mundo’ poderia infligir (. . .)

De alguma forma, verdadeira e terrivelmente real, ainda que incompreensível para o homem, o Salvador tomou sobre Si mesmo a carga dos pecados da humanidade desde Adão até o final do mundo” (*Jesus, o Cristo*, p. 592).

Presidente John Taylor (1808–1887)

“Suspirando debaixo dessa pesada carga, dessa pressão intensa

e incompreensível, dessa terrível exigência da justiça Divina, da qual a débil natureza humana recuou, e por causa da agonia conseqüentemente experimentada ao suar grandes gotas de sangue, foi levado a exclamar, ‘Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice’ [Mateus 26:39]. Lutou contra a carga que Lhe foi sobreposta nesse local; combateu os poderes das trevas que lá foram soltos sobre Ele; posto abaixo de todas as coisas, tendo Sua mente sobrecarregada com aflição e dor, solitário, aparentemente abandonado e desamparado, em Sua agonia o sangue brotou-Lhe pelos poros” (*The Mediation and Atonement* [A Intermediação e a Expição] [1882], p. 150).

O Calvário

Élder James E. Talmage

“Deixa-nos a impressão de que, além do terrível sofrimento característico da crucificação, a agonia do Getsêmani havia voltado, intensificada além da capacidade humana de suportar. Naquela hora mais pungente, o Cristo agonizante estava só, da maneira mais terrivelmente real. A fim de que o supremo sacrifício do Filho pudesse consumir-se em toda a Sua plenitude, o Pai parece ter retirado o apoio de Sua presença imediata, deixando ao Salvador dos homens a glória da completa vitória sobre as forças do pecado e da morte. (. . .)

O período de abatimento, a sensação de total abandono logo



passou, e as exigências do corpo se reafirmaram. A sede exasperante, que constituía uma das piores agônias da crucificação, arrancou dos lábios do Salvador Sua única expressão registrada denotando sofrimento físico: ‘Tenho sede’ [João 19:28], disse Ele. Um dos que estavam próximos, se romano ou judeu, discípulo ou incrédulo não sabemos, rapidamente embebeu uma esponja numa vasilha de vinagre que ali havia, e prendendo-a à extremidade de uma cana, ou haste de hissopo, levou-a aos lábios febris do Senhor (. . .).

Percebendo plenamente que não estava mais abandonado, mas que Seu sacrifício expiatório havia sido aceito pelo Pai, e que Sua missão na carne havia sido levada a uma gloriosa consumação, exclamou num alto brado de triunfo santo: ‘Está consumado’ [João 19:30]. Com reverência, resignação e alívio, dirigiu-Se ao Pai, dizendo: ‘Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito’ [Lucas 23:46]. Curvou a cabeça e voluntariamente entregou Sua vida.

Jesus, o Cristo estava morto. Sua vida não Lhe havia sido tirada, senão quando Ele próprio o havia permitido. Por mais doce e bem-vindo que pudesse ter sido o alívio da morte, em qualquer dos estágios anteriores de Seu sofrimento desde o Getsêmani até à cruz, Ele havia vivido até que todas as coisas que Dele haviam sido requeridas fossem executadas” (*Jesus, o Cristo*, pp. 638–639).



O Túmulo Vazio

Presidente John Taylor

“Como Deus, Ele desceu abaixo de todas as coisas e tornou-Se sujeito ao homem na condição decaída do homem; como homem, Ele tratou de todas as circunstâncias relacionadas a Seus sofrimentos no mundo. Ungido, de fato, com o óleo de alegria mais do que Seus companheiros. Ele contendeu com os poderes de homens e demônios e sobrepujou-os, da Terra e do inferno combinados; e auxiliado por esse poder superior da Deidade, Ele sobrepujou a morte, o inferno e a

sepultura e ergueu-Se triunfantemente como o Filho de Deus, o próprio Pai Eterno, o Messias, o Príncipe da Paz, o Redentor, o Salvador do Mundo” (*Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: John Taylor* [2002], p. 43).

Presidente Spencer W. Kimball (1895–1985)

“Somente um Deus poderia realizar esse milagre da ressurreição. Como mestre da retidão, Jesus inspirara as almas a praticarem o bem; como profeta, conseguira prever o futuro; como sábio líder de homens, conseguira organizar uma igreja; e

como portador e magnificador do sacerdócio, curara os doentes, dera a visão aos cegos; e até mesmo trouxera outros mortos de volta à vida, mas somente sendo um Deus poderia levantar a Si mesmo da tumba, vencer a morte permanentemente e fazer com que o corruptível se revestisse de incorruptibilidade e o que é mortal se revestisse de imortalidade. (...)

Não era humana a mão que se ergueu para remover a porta selada, nem para ressuscitar, nem para restaurar. Nenhum mágico ou feiticeiro invadira o recinto para trabalhar pela Sua cura; nem mesmo o sacerdócio, exercido por outro portador, fora usado, mas o Deus que dera a própria vida de maneira proporcional e intencional, pelo poder da divindade, tomara-a de volta. (...) O espírito que havia entregado nas mãos do Pai quando estava na cruz e que, de acordo com seus relatos mais tarde, estivera no mundo espiritual, retornara e, ignorando as impenetráveis paredes do túmulo, entrara no local, unira-se novamente ao corpo, fizera com que a pedra que cobria a saída se movesse e saíra com vida novamente, com um corpo revestido de imortalidade e incorruptibilidade —com todas as faculdades revigoradas e ativas.

Inexplicável? Sim! Compreensível? Não!—mas indiscutível. Mais de quinhentas testemunhas incontestáveis estiveram com Ele. Andaram com Ele, falaram com Ele, comeram com Ele, tocaram a carne de Seu corpo e

viram as feridas do Seu lado, pés e mãos; falaram com Ele sobre os programas e idéias que eram comuns tanto a eles quanto ao Salvador; e, por meio de muitas provas infalíveis souberam e testificaram que Ele ressuscitou e o mais temível de todos os inimigos, a morte, havia sido superada. (...)

Sendo assim, prestamos testemunho que o Ser que criou a Terra e seu conteúdo, que aparecera inúmeras vezes na Terra antes de Seu nascimento em Belém, Jesus Cristo, o Filho de Deus, é um Ser ressuscitado e imortal, e que essa grande bênção da ressurreição e da imortalidade é agora, por meio de nosso Redentor, a herança da humanidade” (*The Teachings of Spencer W. Kimball*, ed. Edward L. Kimball [1982], pp. 17–18).

Presidente Gordon B. Hinckley

“Então, o primeiro dia da semana amanheceu, o dia que, para nós, é o Dia do Senhor. Às pessoas que foram até a tumba, cheias de tristeza, o anjo que ali estava declarou: ‘Por que buscais o vivente entre os mortos?’ (Lucas 24:5).

‘Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito’ (Mateus 28:6).

Esse foi o maior milagre da história da humanidade. Anteriormente Ele lhes dissera: ‘(...) Eu sou a ressurreição e a vida’ (João 11:25). Mas elas não compreenderam. Agora elas sabiam. Ele morreu em sofrimento, dor e solidão; então, no terceiro dia, ergueu-Se com poder, beleza e vida: as primícias dos que dormem, a

certeza para os homens de todas as épocas de que ‘assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo’ (I Coríntios 15:22).

Jesus, no Calvário, estava morrendo; quando surgiu do sepulcro, era o Cristo Vivo. A cruz fora o fruto amargo da traição de Judas, o ato final da negação de Pedro. A tumba vazia então se tornou o testemunho de Sua divindade, a certeza da vida eterna, a resposta à pergunta de Jó: ‘Morrendo o homem, porventura tornará a viver?’ (Jó 14:14).(...)

Sendo assim, porque o Salvador vive, não usamos o símbolo de Sua morte como o símbolo de nossa fé. Mas o que usaremos? Nenhum símbolo, nenhuma obra de arte, nenhuma representação palpável serve para expressar a glória e a maravilha do Cristo Vivo. Ele nos disse qual seria esse símbolo ao dizer: ‘Se me amais, guardai os meus mandamentos’ (João 14:15).

Como seguidores Dele, não podemos fazer nada mesquinho, egoísta ou grosseiro sem macular Sua imagem. Também não podemos fazer nada de bom, amável e generoso sem fazer com que o símbolo Daquele cujo nome adotamos brilhe ainda mais. Portanto, nossa vida tem de transformar-se em uma expressão significativa, no símbolo de nossa declaração de nosso testemunho do Cristo Vivo, do Filho Eterno do Deus Vivo.” (“O Símbolo de Nossa Fé”, *A Liabona*, abril de 2005, pp. 4–6). ■



Encontrar a que Estava PERDIDA

À medida que ajudava a encontrar meus ancestrais perdidos, lamentava por não ser capaz de ajudar minha própria filha, que também estava perdida.

MARIE SANCHEZ

Examinei minuciosamente o microfilme dos registros da Igreja e li nome por nome dos meus ancestrais que eram do norte da Espanha. Foram escritos em espanhol, em uma caligrafia elegante. Meus antepassados haviam vivido em paz em sua pequena aldeia de pescadores, por séculos. Amavam ao Senhor e uns aos outros. A cidade fora edificada próxima a uma baía rodeada de colinas, cuja vegetação de eucaliptos criava um cenário que era um santuário sereno e calmo. Poucos foram os que um dia deixaram a beleza simples e o calor do espírito desse lugar. Quase toda a população do lugar era aparentada, fosse por consangüinidade, fosse por casamento.





Esses registros tinham um significado especial para mim: meu avô Andres Sanchez os havia salvado da destruição durante a guerra civil espanhola, na década de 1930. Cresci aprendendo sua história, mas minha ligação com ele somente se tornou evidente quando comecei a pesquisar os registros. Embora não conhecesse meu avô, senti seu espírito ao ler aqueles nomes e datas. Juntos, havíamos-nos tornado a equipe que possibilitaria a realização das ordenanças do templo para mais de dez mil de nossos antepassados.

Esse dia, no entanto, como a maioria dos dias nos últimos anos, também foi cheio de dor e pesar por minha filha e pela direção que a vida dela estava tomando. Clamei ao Pai Celestial em meio ao desespero, implorando Sua ajuda em favor dela, que tinha problemas aparentemente insolúveis. Meu coração estava agitado—ainda que estivesse trabalhando fielmente com as ordenanças salvadoras do templo para meus ancestrais, conseguia fazer bem pouco para salvar minha própria filha. Então senti a força de gerações passadas juntando-se a mim em um esforço para salvá-la e, na máquina leitora de microfilmes, encontrei certa paz, quando me esqueci do mundo ao redor e mergulhei na extração dos nomes e das datas preciosas que estavam naqueles registros.

Uma Escolha Feita com Convicção

Andres fora um bom homem e um bom líder em sua aldeia. Teve cinco filhos. Mesmo não sendo rico, tinha um

negócio de transportes e era considerado um homem bem de vida.

Mas o tempo em que viveu é conhecido como uma época turbulenta na história da Espanha. A Guerra Civil Espanhola trouxe fome e destruição para grande parte da

nação. A política tornou-se o assunto mais falado entre as pessoas. Em todos os outros períodos da história da Europa, essa aldeia tranqüila havia sido poupada da destruição causada pela guerra, mesmo durante a Primeira Guerra Mundial. Agora, no entanto, o cerco do inimigo se fechava. Andres deu o nome de Libertia a sua nova filha como demonstração visível de suas convicções.

Os invasores incendiaram as igrejas e mataram os líderes religiosos em todos os lugares, com o objetivo de reprimir a oposição. Como desafio, Andres e alguns de seus bons vizinhos esconderam os artefatos sagrados e os registros da igreja da pequena aldeia. Sabia que as conseqüências para si e para sua família poderiam ser devastadoras, mas fez sua escolha e lutou por ela com convicção.

Os inimigos acabaram chegando à aldeia. O nome de Andres Sanchez foi descoberto e ele foi preso. Como resultado de suas ações na igreja da pequena aldeia, passou por tortura e privações. Seus negócios e propriedades foram confiscados e sua família ficou sem nada. A saúde de Andres tornou-se frágil por causa das condições deploráveis da prisão e, pouco tempo depois, contraiu tuberculose. Foi libertado e entregue à família duas semanas antes de morrer.

Meu avô
Andres
Sanchez
ajudou a salvar os
registros familiares da aldeia durante a Guerra Civil Espanhola, na década de 1930.

Um Sacrifício Espontâneo

O Senhor não Se esqueceu dos esforços desse homem e de alguns de seus amigos valentes que O amaram e sacrificaram a vida por aqueles registros. Anos mais tarde, os registros foram microfilmados pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Agora, lá estava eu sentada em uma sala grande, com pouca luz, no Centro de História da Família em Salt Lake City, Utah, lendo uma cópia daquele microfilme. Ao continuar com a tarefa monótona de pesquisar aqueles nomes estrangeiros nada usuais para mim, comecei a interessar-me por aquelas pessoas. Um sentimento de unidade familiar cresceu em minha mente e coração.

Eu e meu marido extraímos inspiração, coragem e esperança do exemplo do meu avô que se sacrificou voluntariamente pelas gerações futuras. Como retribuição, sentimos a força das gerações passadas juntando-se a nós no esforço de ajudar nossa filha.

O Presidente Gordon B. Hinckley dedicou o Templo de Madri Espanha em março de 1999, na mesma semana em que enviei meus primeiros seis mil nomes para o Templo de Bountiful Utah, com informações tão completas quanto possível, reunidas nos respectivos grupos familiares. Agora, meus outros quatro mil nomes estavam completos. Os nomes de uma comunidade inteira estavam disponíveis no templo para que as ordenanças fossem realizadas em seu favor. O trabalho de salvação para uma pequena aldeia espanhola havia começado.

Uma Celebração Dupla

Enquanto as ordenanças do templo eram realizadas em favor dos meus ancestrais, eu e meu esposo sentimos que os céus estavam pranteando e orando conosco em favor da nossa filha. Com o tempo, ela percebeu que precisava mudar sua vida e redescobrir a paz que lhe faltara por tanto tempo. Começou o difícil processo de arrependimento e, aos poucos, vimos a luz retornar ao seu semblante. Finalmente, nossas orações sinceras e suplicantes estavam sendo atendidas. Ela desfrutou a intervenção curadora de um Pai Celestial amoroso, que cuida de todos os Seus filhos.

Numa linda noite, sentei-me no Templo de Bountiful, em meio a lágrimas de alegria. Ao meu lado estava minha filha, pronta para receber a investidura e ser selada a um jovem digno.

Mas a história não termina aí. Enquanto os familiares e amigos se reuniam para participar desse evento glorioso, a irmã que estava sentada à mesa distribuía os nomes àquelas que assistiriam à sessão. Por coincidência, os nomes que ela nos deu foram os mesmos que eu enviara para os arquivos do templo. Na verdade, aquela foi uma celebração dupla: regozijamo-nos ao servir como procuradores pelos nossos antepassados espanhóis e, ao mesmo tempo, eles devem ter-se regozijado conosco pelo selamento da nossa filha ao seu esposo para o tempo e para toda a eternidade na casa do Senhor. Naquele momento, conseguimos sentir o círculo da família eterna unindo o passado e o presente. Éramos um. ■

Marie Sanchez é membro da Ala Bountiful 11, Estaca Bountiful Utah Leste.

Regozijamo-nos ao servir como procuradores por nossos antepassados espanhóis e também nos alegramos por nossa filha, que se tornara novamente ativa no evangelho.





Meu segredo com as Escrituras

Este é um segredo que não posso contar-lhes, mas vocês mesmos podem descobrir o que é.

MELISSA DOMEYER AINA

Uma das maiores bênçãos que recebemos por sermos membros fiéis da Igreja é a paz de nosso Salvador. Já senti essa paz muitas vezes ao ler as escrituras.

Recordo-me de fazer muitas metas de ler todo o Livro de Mórmon. Fiz muitas tentativas, mas, lentamente, perdia o interesse e, por fim, recomeçava a leitura em outra oportunidade. Não foi antes do meu primeiro ano na universidade que eu verdadeiramente “pus a palavra à prova” (ver Alma 32:27). Comecei a levantar-me às seis e meia da manhã, todos os dias da semana, para ler por meia hora. Como havia distribuído bem o meu tempo, não tinha que me preocupar em terminar logo a leitura.

Comecei a sentir-me ávida por ler as escrituras. Depois da leitura, sentia-me feliz e em paz. Esses sentimentos influenciavam o meu dia inteiro. Eu conseguia mais facilmente manter uma prece no coração. Podia sentir o Espírito mais próximo do que antes. Minhas preocupações não acabaram, mas meus dias ficaram realmente mais felizes.

Percebi que estava ganhando um testemunho das escrituras. Não imaginava que obedecer ao mandamento de ler as escrituras traria tantas bênçãos a minha vida. Senti como se me fosse revelado um segredo que somente aqueles que lêem as escrituras sabem.

Alma ensinou como obter um testemunho:

“Mas eis que, se despertardes e exercitardes vossas faculdades, pondo à prova minhas palavras, e exercitardes uma partícula de fé, sim, mesmo que não tenhais mais que o desejo de acreditar, deixai que esse desejo opere em vós, até acreditardes de tal forma que possais dar lugar a uma porção de minhas palavras” (Alma 32:27).

Antes de começar minha experiência, eu não entendia, de fato, por que recebemos o mandamento de ler as escrituras. Mas eu tinha um pouco de fé—fé suficiente para ler diariamente por um curto espaço de tempo. E, como Alma ensinou, ganhei um testemunho.

Sei que não há nada que possa dizer-lhe para ajudá-lo a entender o segredo das bênçãos que vêm pela leitura das escrituras, pois tive que aprender sozinha. Mas prometo que, se você as ler, será abençoado com paz e alegria apesar das dificuldades. Tente. Faça a experiência. ■

Melissa Domeyer Aina é membro da Ala Newball I, Estaca Califórnia Valência.

Porque as Temos Diante dos Olhos



Ao continuarmos progredindo no processo de chegar-nos ao Salvador, seremos fortalecidos e prosperaremos, à medida que constante e diligentemente “[banquetear-nos] com as palavras de Cristo”.

A aplicação de cinco princípios a seu estudo das escrituras pode ajudá-lo a não apenas aprender mais sobre o Salvador, mas também a tornar-se mais semelhante a Ele.

ÉLDER DAVID A. BEDNAR

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Nos últimos vinte anos, minha mulher e eu estivemos com dezenas de milhares de jovens santos dos últimos dias para conversar sobre as doutrinas do evangelho restaurado e ponderar sobre as bênçãos de colocarmos em prática princípios corretos em nossa vida diária. Sempre que estávamos com grupos grandes ou pequenos, pedíamos aos jovens que fizessem perguntas. Ficamos impressionados com a profundidade do conhecimento que tinham do evangelho e com a qualidade de suas perguntas.

Duas perguntas repetidas muitas e muitas vezes foram estas: Por que o estudo das escrituras é tão importante? Como posso tornar o estudo das escrituras mais edificante e eficaz?

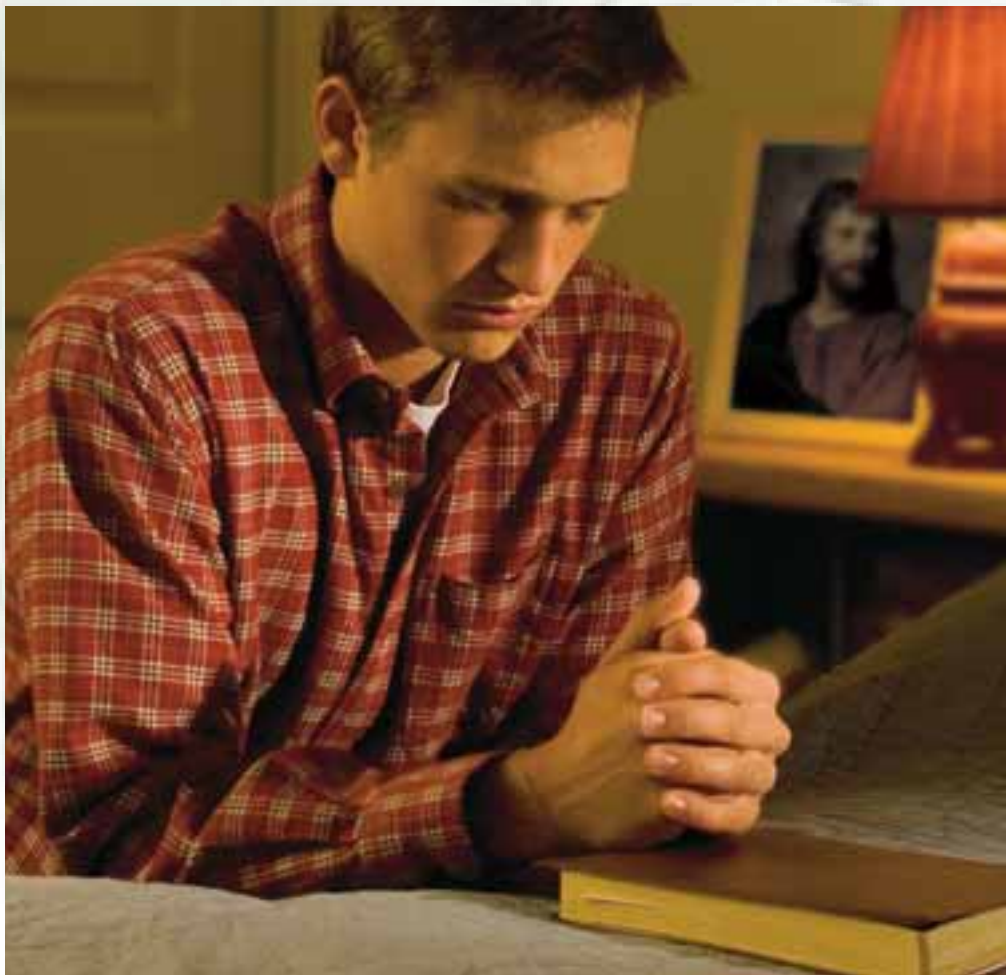
Essas excelentes perguntas merecem uma séria reflexão por parte de cada um de nós.

Por que o Estudo das Escrituras É tão Importante?

O Senhor declarou que Sua obra e Sua glória é “levar a efeito a imortalidade e vida eterna do homem” (Moisés 1:39). Ele estabeleceu Sua Igreja para ajudar nessa grande obra. Conseqüentemente, a grande missão de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é “convidar todos a virem a Cristo” (D&C 20:59) e serem “aperfeiçoados nele” (Morôni 10:32). Assim sendo, tudo o que aprendemos, sabemos e fazemos como discípulos do Salvador e como membros de Sua Igreja visa ajudar-nos a aceitar esse convite sublime.

Achegar-nos a Cristo não é um evento único com um ponto fixo de início ou fim, mas, sim, um processo que se desenvolve e se aprofunda durante toda a vida. Como passo inicial nesse processo, sem dúvida precisamos obter conhecimento e *aprender a respeito de Jesus* e Sua vida, ensinamentos e ministério. Mas, para chegar-nos realmente a Ele, também é preciso obediência constante e o empenho de *tornar-nos semelhantes a Jesus* em pensamentos, motivações, comunicações e ações. Ao “prossequirmos com firmeza” (2 Néfi 31:20) no caminho do discipulado, podemos aproximar-nos do Salvador





As coisas do Espírito só podem ser aprendidas por meio e pela influência do Espírito. Toda vez que começamos uma sessão de estudo sincero das escrituras, é útil não apenas orar no início, mas pedir compreensão à medida que estudamos.

com a expectativa de que Ele se chegará a nós; podemos buscá-Lo diligentemente com a esperança de que O encontraremos; podemos pedir-Lhe com a confiança de que receberemos; podemos bater sabendo que a porta nos será aberta (ver D&C 88:63).

Uma das melhores maneiras de nos aproximarmos Dele, de aprendermos a respeito Dele e de nos tornarmos mais semelhantes ao Senhor Jesus Cristo é estudar constantemente as santas escrituras, ou seja, “[banquetear-nos] com as palavras de Cristo” diariamente (2 Néfi 32:3).

Observe que usei a palavra *estudar* e não a palavra *ler*. Estudar e banquetear-se sugerem um enfoque e uma intensidade que vão muito além de uma leitura descontraída ou de uma rápida passada de olhos pelas páginas de um livro. Estudar e banquetear-se, seguidos de oração sincera e aplicação prática perseverante das verdades e princípios que aprendermos, resultam em determinação

pessoal, comprometimento espiritual e a radiante luz do testemunho. O estudo, o aprendizado, a oração e a devida aplicação prática das verdades do evangelho são todos elementos-chave nesse processo de chegar-nos ao Salvador.

As escrituras são fundamentalmente importantes para mim à medida que continuo a chegar-me a Cristo. Com frequência sinto na mente e no coração a firme advertência proveniente da minha bênção patriarcal de que devo “estudar as escrituras em todas as oportunidades disponíveis”. Por muitas décadas essa simples declaração

garantiu o enfoque de meu estudo do evangelho, e as bênçãos prometidas de inspiração e orientação associadas àquela advertência se cumpriram muitas vezes em minha vida.

Também fui muito influenciado em meu estudo e uso das escrituras pelo Presidente Harold B. Lee (1899–1973). No meu treinamento inicial como missionário, em Salt Lake City, em 1971, aproximadamente trezentos élderes e sísteres tiveram a bênção de serem instruídos pelo Presidente Lee no salão de reuniões do Templo de Salt Lake. Ser ensinado por uma das testemunhas especiais do Senhor e membro da Primeira Presidência num lugar tão sagrado foi uma de minhas experiências mais memoráveis.

A forma da instrução foi bem simples: o Presidente Lee convidou-nos a fazer perguntas sobre todo e qualquer assunto do evangelho. Nunca me esquecerei do que senti ao observar o Presidente Lee respondendo a todas as perguntas usando as escrituras! Sabia

que nunca teria tanto conhecimento das escrituras como ele tinha, mas naquele momento no Templo de Salt Lake, tomei a decisão de estudar e usar as escrituras em meu ensino e seguir o exemplo do Presidente Lee. Esse compromisso que assumi quando era um missionário jovem e inexperiente, aos dezenove anos de idade, abençoou minha vida de modo incalculável e indescritível.

Na instrução a seguir, observe o papel central das escrituras no processo de conhecermos Deus e confiarmos Nele:

“Examinem as escrituras—examinem as revelações que publicamos e peçam ao Pai Celestial, em nome de Seu Filho Jesus Cristo, que lhes manifeste a verdade, e se o fizerem com os olhos fitos em Sua glória, nada duvidando, Ele responderá a vocês pelo poder de Seu Santo Espírito: *Vocês, então, saberão por si mesmos, e não por outra pessoa.* Não dependerão dos homens para terem conhecimento de Deus; não haverá lugar para especulação. Não; porque quando os homens recebem instrução Daquele que os criou, eles sabem como Ele os salvará”.¹

Pelo poder do Espírito Santo todos podemos receber um testemunho espiritual independentemente de qualquer outra pessoa e “saber por nós mesmos” que Jesus é o Salvador e o nosso Redentor.

As escrituras, em essência, são um “registro” escrito da voz do Senhor—uma voz que sentimos mais no coração do que ouvimos com os ouvidos. Ao estudarmos o conteúdo e sentirmos o espírito da palavra de Deus escrita, *aprendemos a ouvir Sua voz nas palavras que lemos* e a compreender os meios pelos quais as palavras nos são dadas pelo Espírito Santo. Conforme está explicado em Doutrina e Convênios 18:34–36:

“Estas palavras não são de homens nem de um homem, mas são minhas; portanto vós testificareis que são minhas e não de um homem;

Pois é minha voz que vo-las diz;

pois vos são dadas pelo meu Espírito; e pelo meu poder vós as podeis ler uns para os outros; e se não fosse pelo meu poder, não as poderíeis ter;

Portanto podeis testificar que ouvistes minha voz e conheceis minhas palavras.”

Quão importante para todos nós é voltarmos repetidas vezes às santas escrituras e ali adquirirmos experiência e confiança em ouvir e sentir a voz Dele! Ao estudar regularmente as santas escrituras, “Eis que as palavras de Cristo vos dirão todas as coisas que deveis fazer” (2 Néfi 32:3).

Em nosso processo de achegar-nos a Cristo, é essencial que ouçamos e sintamos a voz do Senhor e conheçamos Suas palavras. O Salvador ensinou: “As minhas ovelhas ouvem a *minha* voz, e eu conheço-as, e elas me seguem” (João 10:27; grifo do autor). Assim sendo, ouvir Sua voz precede a ação propriamente dita de segui-Lo, “pois meus eleitos ouvem minha voz e não endurecem o coração” (D&C 29:7). Podemos realmente receber Suas instruções e segui-Lo. E a capacidade espiritual de ouvir, sentir e seguir está ao alcance de todo membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias—e essa capacidade é fortalecida pelo estudo diligente das escrituras.

Por que o estudo das escrituras é tão importante? O estudo sincero das escrituras nos ajuda a progredir no processo de achegar-nos a Cristo e de tornar-nos mais semelhantes a Ele. Banqueteando-nos diariamente, podemos adquirir um testemunho das verdades do evangelho por nós mesmos e aprender a ouvir e seguir a voz do Senhor.

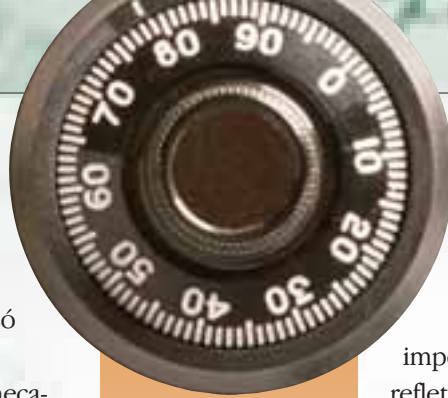
Um horário específico e determinado agendado a cada dia e, se possível, um lugar reservado para o estudo aumentam muito a eficácia de nosso estudo e pesquisa das escrituras.



Como Posso Tornar o Estudo das Escrituras Mais Edificante e Eficaz?

A compreensão e a aplicação prática de cinco princípios básicos podem ajudar nosso estudo pessoal das escrituras a tornar-se mais edificante e eficaz.

Princípio 1: Ore pedindo compreensão e peça a ajuda



do Espírito Santo. As coisas do Espírito só podem ser aprendidas por meio e pela influência do Espírito. Toda vez que começamos uma sessão de estudo sincero das escrituras, uma humilde e sincera oração, na qual pedimos ao Pai Celestial, em nome de Seu Filho, que nos conceda o auxílio do Espírito Santo, melhorará em muito o nosso aprendizado, compreensão e capacidade de lembrar. É útil orar não apenas no início, mas também pedir entendimento à medida que você estuda. Também considero útil expressar gratidão pelo que aprendi, ao concluir a sessão de estudo.

Princípio 2: Trabalhe. O conhecimento e a compreensão do evangelho vêm por meio do estudo diligente das escrituras e da orientação do Espírito Santo. A combinação que abre a porta dos tesouros ocultos das escrituras inclui muito trabalho—o simples e antiquado trabalho árduo. Um fazendeiro não pode esperar colher no outono se não semear devidamente na primavera e trabalhar arduamente durante o verão para remover as ervas daninhas, adubar e cultivar a plantação. De igual modo, não podemos esperar uma rica colheita espiritual, a menos que paguemos o preço do estudo regular e diligente. Os tesouros das escrituras que buscamos em nossa vida não podem ser emprestados, alugados ou obtidos de segunda mão. Cada um de nós precisa aprender a abrir a porta, colocando em prática o princípio do trabalho.

Princípio 3: Seja persistente. Devido ao ritmo frenético de nossa vida, a boa intenção e a simples “esperança” de encontrar tempo para um estudo significativo das escrituras não são suficientes. Por experiência própria, sugiro que um horário específico e determinado seja agendado a cada dia e, se possível, deve haver um lugar reservado para o estudo. Isso aumenta muito a eficácia de nosso estudo e pesquisa das escrituras.

Princípio 4: Pondere. A palavra *ponderar* significa refletir, pensar, considerar. Ponderar as escrituras, portanto, é refletir reverentemente sobre as verdades, experiências e lições contidas nas obras padrão. O processo de ponderar leva tempo e não pode ser forçado, apressado ou acelerado.

A combinação que abre a porta dos tesouros ocultos das escrituras inclui muito trabalho—o simples e antiquado trabalho árduo.

O Profeta Joseph Smith deu-nos uma importante diretriz sobre como ponderar e refletir a respeito das escrituras. Ele ensinou: “Há algo que me auxilia a entender as escrituras. Pergunto: Qual foi o problema que ocasionou a resposta, ou o que levou Jesus a relatar a parábola?”² Portanto, o esforço de compreender a pergunta que precedeu uma revelação, parábola ou episódio específico pode ajudar-nos a obter uma compreensão mais profunda das escrituras.

O Presidente Ezra Taft Benson (1899–1994) salientou uma abordagem semelhante para estudarmos e ponderarmos as santas escrituras em geral e, particularmente, o Livro de Mórmon:

“Se [os autores do Livro de Mórmon] viram nossos dias e escolheram as coisas que nos seriam de maior valor, não seria essa a maneira pela qual deveríamos estudar o Livro de Mórmon? Devemos perguntar-nos constantemente: ‘Por que o Senhor inspirou Mórmon (ou Morôni ou Alma) a incluir isso em seu registro? Que lição posso aprender com isso que me ajudará a viver nesta época atual?’”³

O ensinamento do Presidente Benson nos ajuda a seguir o conselho de Néfi de “[aplicar] todas as escrituras a nós, para nosso proveito e instrução” (1 Néfi 19:23). Portanto, fazer perguntas sobre as coisas que estudarmos nas escrituras e ponderá-las são coisas que convidam a inspiração e a ajuda do Espírito Santo.

Princípio 5: Anote suas impressões, pensamentos e sentimentos. O Élder Richard G. Scott, do Quórum dos Doze Apóstolos, enfatizou várias vezes a importância de anotarmos as impressões espirituais e pensamentos:

“Você perceberá que, ao escrever idéias preciosas, mais delas com certeza surgirão. Também o conhecimento que você vai adquirir o acompanhará por toda a vida. Em todos os momentos, noite ou dia, onde quer que esteja, seja o que for que estiver fazendo, procure reconhecer a orientação do Espírito e segui-la. Expresse gratidão pela ajuda recebida e obedeça a essa orientação. Essa prática aumentará sua capacidade de aprender pelo Espírito e permitirá que o Senhor guie sua vida e enriqueça a utilização de todas as outras capacidades latentes que tiver.”⁴



Escrever o que aprendemos, pensamos e sentimos ao estudar as escrituras é outra forma de ponderar e convidar vigorosamente o Espírito Santo a continuar a instruir-nos.

Somos abençoados por viver numa época em que as santas escrituras se encontram tão facilmente acessíveis. Oro para que jamais deixemos de lhes dar o devido valor nem as tratemos negligentemente. Devemos lembrar e aplicar a todas as santas escrituras os ensinamentos do rei Benjamim a seus filhos:

“Digo-vos, meus filhos, que se não fosse por *estas coisas [as escrituras] que foram guardadas e preservadas pela mão de Deus* para que pudéssemos ler e compreender os seus mistérios e ter seus mandamentos sempre diante dos olhos, até mesmo nossos pais teriam degenerado, caindo na incredulidade (...).

Ó meus filhos, quisera que vos lembrásseis de que *estas palavras são verdadeiras e também de que estes registros são verdadeiros . . . ; e podemos saber da veracidade*

delas porque as temos diante dos olhos.

E agora, meus filhos, quisera que vos *lembrásseis de examiná-las diligentemente*, para que delas vos beneficiéis; e quisera que guardásseis os mandamentos de Deus para que prospereis na terra, segundo as promessas que o Senhor fez a nossos pais” (Mosias 1:5–7; grifo do autor).

Testifico que as santas escrituras são verdadeiras e contêm a palavra de Deus. Se continuarmos progredindo no processo de chegar-nos ao Salvador, seremos fortalecidos e prosperaremos, à medida que constante e diligentemente “[banquetear-nos] com as palavras de Cristo”. Somos realmente abençoados porque as temos diante dos olhos. ■

NOTAS

1. “To the Honorable Men of the World”, *The Evening and the Morning Star*, 22 de agosto de 1832, p. 22; grifo do autor.
2. *History of the Church*, volume 5, página 261.
3. “The Keystone of Our Religion”, *Tambuli*, agosto de 1992, p. 7.
4. “To Acquire Knowledge and the Strength to Use It Wisely”, *A Liabona*, agosto de 2002, pp. 12–14.

E escrever o que aprendemos, pensamos e sentimos ao estudar as escrituras é outra forma de ponderar e convidar vigorosamente o Espírito Santo a continuar a instruir-nos.



Lutando para

Artur Tomaszewski pediu ao Senhor que lhe mostrasse a verdade. Mas relutou diante da resposta que recebeu.

DON L. SEARLE

Revistas da Igreja

Artur Tomaszewski era capaz de defender-se se a situação o exigisse. Afinal, ele fora campeão nacional de jiu-jitsu da Polônia, seu país natal, aos dezessete anos. Mas ele acredita que o melhor caminho é sempre procurar primeiro uma solução pacífica. Isso foi o que, de certo modo, ele fez quando venceu sua maior batalha—a luta para encontrar a verdade.

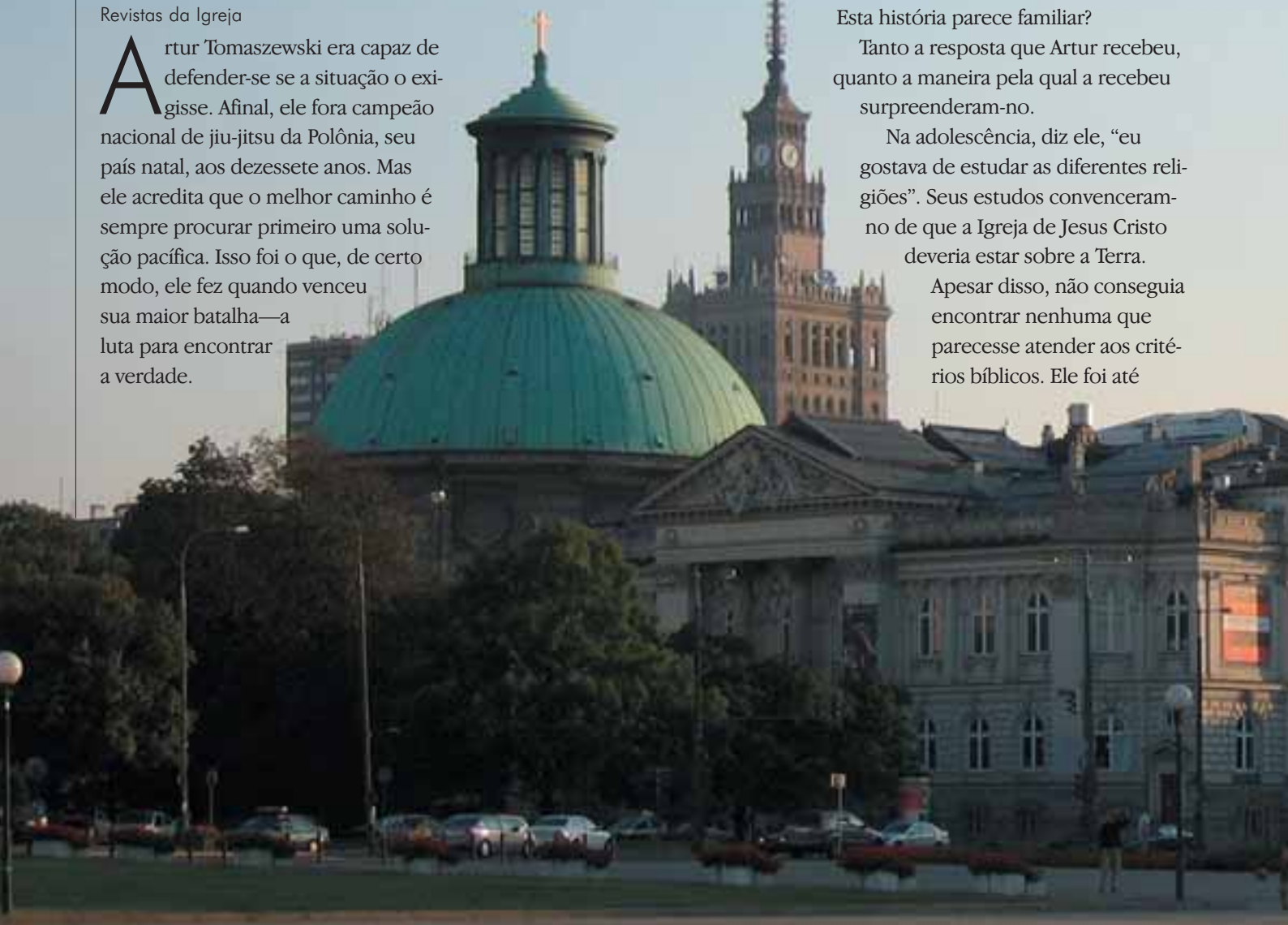
Quando era rapaz, Artur havia estudado a Bíblia e formulado perguntas sobre seu relacionamento com Deus e Sua verdadeira Igreja. Ninguém tinha respostas que o satisfizessem. Por fim, orou a Deus pedindo que lhe mostrasse qual das igrejas era a verdadeira.

Esta história parece familiar?

Tanto a resposta que Artur recebeu, quanto a maneira pela qual a recebeu surpreenderam-no.

Na adolescência, diz ele, “eu gostava de estudar as diferentes religiões”. Seus estudos convenceram-no de que a Igreja de Jesus Cristo deveria estar sobre a Terra.

Apesar disso, não conseguiu encontrar nenhuma que parecesse atender aos critérios bíblicos. Ele foi até



Encontrar a **Verdade**

tentado a se perguntar, em certo momento, se Deus realmente existia, mas a fé que tinha dentro de si sobrepujou a dúvida. Ele sabia que, se alguém pudesse dar respostas, seria Deus que o faria. Chegou o tempo em que, com dezoito anos, Artur orou, pedindo especificamente para ser guiado para a Igreja verdadeira.

Pouco tempo depois, quando visitava a casa de sua tia, ele viu um livro empoeirado em cima da estante. Era intitulado o Livro de Mórmon. Missionárias deram aquele livro a sua tia, que o deixou lá esquecido.

Artur pegou o livro e o largou por três vezes, indeciso se o deveria ler ou não. Não, não ousaria; ele acreditava somente na Bíblia. Mas o livro dizia ser outro testamento de Jesus Cristo. Não, a história desse Joseph Smith no começo do livro era muito mirabolante. Mas, se fosse verdade? Não, a história nas

primeiras vinte páginas do livro era muito diferente de tudo que ele já tinha visto.

Apesar de seus questionamentos, aquilo que tinha lido permaneceu em sua mente durante toda a semana. Quando ele voltou à casa da tia, planejando terminar a leitura de onde havia parado, o livro havia desaparecido!

Abaixo: O Élder Artur Tomaszewski e seu companheiro, o Élder Ricky Dias, andando em uma rua de Varsóvia, Polônia.



Isso se deu um bom tempo antes de Artur receber seu próprio exemplar do Livro de Mórmon.

Em Katowice, ele se apresentou aos missionários na rua. Como os missionários não ligaram imediatamente conforme acertado (esse é um erro que o Élder Tomaszewski não comete), ele decidiu procurá-los no domingo de manhã na capela cujo endereço estava num cartão que lhe havia sido entregue.

Coincidentemente, aquele era um domingo de jejum e, à medida que os membros prestavam testemunhos, Artur sentiu aquela mesma paz e certeza que permaneceram com ele após sua primeira leitura do Livro de Mórmon. O sentimento foi tão forte que ele sentiu o desejo de se levantar e prestar o próprio testemunho de que o livro era verdadeiro, mas não sabia se isso seria permitido.

Quando os missionários finalmente lhe deram um exemplar do Livro de Mórmon, eles lhe perguntaram solenemente se leria e oraria por uma resposta sobre sua veracidade. Artur riu. Ele já sabia que poderia receber uma resposta de Deus.

Ele o leu e orou. A resposta que recebeu foi tão forte que parecia ser não apenas um sentimento, mas também “luz para os meus olhos,” trazendo grande clareza às verdades da Bíblia que ele já conhecia. Ele riu mais uma vez, perguntando-se se a resposta sobre a Igreja de Jesus Cristo poderia realmente ser tão “simples e clara” assim. Ele achava que poderia ser algo complicado. Orou novamente para ter certeza e recebeu a mesma resposta firme, dando-lhe a certeza de que as verdades de Deus são claras, e não complicadas.

“Quando descobri que era verdade, fui para casa pleno de alegria”, ele se recorda. Mas ninguém quis partilhar de sua alegria. Sua mãe e seus dois irmãos mais jovens não se interessaram. Seu pai mostrou-se hostil. Depois do batismo de Artur em 2002, ele quase não tinha apoio de amigos ou conhecidos exceto no ramo.

A tradição religiosa na Polônia é muito forte. Ninguém compreendia por que ele estava deixando a religião predominante. Apesar de tudo, ele afirma que os ensinamentos e exemplo de seus pais foram muito valiosos em sua preparação para encontrar a verdade. “Sou grato



Patryk Tomaszewski, irmão mais novo do Élder Tomaszewski, aceitou o desafio de ler o Livro de Mórmon e descobriu por si mesmo que é verdadeiro.

porque eles fizeram o que podiam para me ensinar.”

Viver o evangelho sozinho não enfraqueceu sua fé. Quando decidiu servir em uma missão, estava disposto a desistir dos treinamentos e competições de jiu-jitsu, que tanto amava—atividades que faziam parte de sua vida desde a infância—para trabalhar e economizar dinheiro para a missão. O jiu-jitsu, para ele, era uma forma de arte. Ele diz: “quando treinava sentia-me como um pintor pintando um quadro”. Mas, com o trabalho, não lhe restava tempo para treinar.

Antes de sair de sua cidade natal, Mystowice, para servir como missionário, o Élder Tomaszewski desafiou o seu irmão mais novo Patryk, que também

estava bastante envolvido em jiu-jitsu. “Se você quiser descobrir por que estou fazendo isto, por que estou abandonando meu esporte, leia o Livro de Mórmon e ore a respeito dele.”

O Élder Tomaszewski afirma que algumas das qualidades que desenvolveu com a disciplina do jiu-jitsu ajudaram-no no campo missionário: paciência, humildade, e a capacidade de trabalhar diligentemente.

O que ele mais gosta no trabalho missionário?

“Muitas vezes, quando estou muito cansado, quando sinto que não restam mais forças e que estou precisando de mais fé, batemos em uma porta e encontramos alguém”, diz ele. Encontrar alguém que queira ouvir deixa-o tão entusiasmado que ele, às vezes, não consegue dormir.

E qual foi o melhor dia de sua missão?

O dia em que soube que seu irmão mais novo aceitou seu desafio de ler e orar a respeito do Livro de Mórmon.

Patryk Tomaszewski

também recebeu um testemunho. Ele foi batizado em agosto de 2004.

Agora há dois Tomaszewski que compartilham a alegria do evangelho. ■



Enfatizar o Valor Divino de Cada Irmã



Em espírito de oração, leia a mensagem a seguir e escolha as escrituras e ensinamentos que melhor atendam às necessidades das irmãs que você visita. Fale de suas experiências e de seu testemunho e incentive as irmãs a fazerem o mesmo.

Bênçãos por Pertencer à Sociedade de Socorro: A Sociedade de Socorro ajuda cada irmã a entender que é uma amada filha espiritual do Pai Celestial, que é de natureza divina e que tem potencial de herdar a vida eterna.

O que Sabemos sobre Nossa Natureza Divina?

A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos: “Todos os seres humanos—homem e mulher—foram criados à imagem de Deus. Cada indivíduo é um filho (ou filha) gerado em espírito por pais celestiais que o amam e, como tal, possui natureza e destino divinos. (...) Na esfera pré-mortal, os filhos e filhas que foram gerados em espírito conheciam e adoravam a Deus como seu Pai Eterno e aceitaram Seu plano, segundo o qual Seus filhos poderiam obter um corpo físico e adquirir experiência terrena a fim de progredirem rumo à perfeição, terminando por alcançar seu destino divino como herdeiros da vida eterna” (“A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liabona*, outubro de 2004, p. 49).

Bonnie D. Parkin, presidente geral da Sociedade de Socorro: “Minha associação à Sociedade de Socorro me

renovou, fortaleceu e fez com que me comprometesse a ser melhor esposa, mãe e filha de Deus. Meu coração cresceu no entendimento do evangelho e no amor pelo Salvador e pelo que Ele fez por mim” (“Como a Sociedade de Socorro Abençoa Sua Vida?” *A Liabona*, novembro de 2004, p. 35).

Romanos 8:16–17: “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus, e co-herdeiros de Cristo”.

Presidente Spencer W. Kimball (1895–1985): “As líderes e professoras da Sociedade de Socorro devem se perguntar como podemos ajudar a esposa e mãe a entender a nobreza e o valor de seu papel no processo divino da maternidade. Como podemos ajudá-la a tornar seu lar um local de amor e aprendizado, um local de refúgio e progresso? (...) Nosso sucesso, como indivíduos e como Igreja, será determinado em grande parte pela fidelidade com que vivermos o evangelho com que nosso lar” (“Living the Gospel in the Home”, *Ensign*, maio de 1978, p. 101).

De que Forma a Compreensão de Nossa Natureza Divina Muda Nossas Atitudes e Ações?

Presidente Gordon B. Hinckley: “Há algo divino dentro de cada uma.

Vocês têm um enorme potencial, e essa qualidade faz parte da natureza que herdaram. Cada uma foi dotada por seu Pai Celestial com uma extraordinária capacidade de fazer o bem no mundo. Treinem a mente e as mãos para estarem prontas a bem servir a sociedade da qual fazem parte. Cultivem a arte da bondade, da solicitude, do serviço. Refinem dentro de si a qualidade da compaixão, que faz parte dos atributos divinos que herdaram” (“A Luz Interior de Cada Uma”, *A Liabona*, julho de 1995, p. 105).

Presidente James E. Faust, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência: “A convicção de que são filhas de Deus lhes proporcionará consolo e auto-estima. Isso significa que poderão encontrar forças no bálsamo de Cristo que lhes ajudará a enfrentar os sofrimentos e problemas com fé e serenidade. (. . .) Uma mulher pode e precisa ter uma identidade e sentir-se útil, valorizada e necessária, seja ela solteira ou casada. Ela precisa sentir que pode fazer algo pelos outros que ninguém mais no mundo é capaz de fazer” (“O que Significa Ser uma Filha de Deus”, *A Liabona*, janeiro de 2000, p. 123). ■



A detailed illustration of a man in profile, facing right, wearing a white t-shirt. He is holding an open newspaper with both hands, looking down at it. The background is a soft, light blue and white wash, suggesting an outdoor setting like a beach or a bright room. The overall style is painterly and serene.

Paz no Lar

Meu irmão e eu costumávamos discutir sobre nossas divergências religiosas. Por fim, aprendi a discordar sem ser desagradável.

NOME OMITIDO

Quando tinha doze anos, nunca pensei que teria que defender minha crença na Igreja. Afinal, eu morava em uma comunidade na qual as pessoas eram, predominantemente, membros da Igreja, e a maioria das pessoas que eu conhecia acreditava nas mesmas coisas que eu. Não poderia prever a acalorada discussão que teria com meu irmão enquanto se encontrava de licença de suas obrigações militares. Não estava preparada para lidar com a situação e, no final, saí da sala chorando.

Desde aquele tempo, aprendi a manter um bom relacionamento com os membros da família que não acreditam nas mesmas coisas que eu. Abaixo seguem algumas medidas que me ajudaram a manter a paz, sem comprometer minhas crenças.

1. Lembre-se de ser cortês. Independentemente de suas crenças, é importante tratar os membros da família com bondade e amor: sirva-os, comunique-se com eles e deixe-os participar dos assuntos e decisões da família.

2. Inclua os membros da família em todas as atividades familiares, mesmo que sejam atividades da Igreja.

Durante muitos anos meu irmão recusava-se a participar de qualquer atividade que tivesse a ver com nossa religião, mas agora quer ser convidado para casamentos, bênçãos de crianças e outras atividades. As pessoas que possuem outras crenças gostam de se sentir incluídas, mesmo que não aceitem o convite.

3. Use perguntas desafiadoras para edificar seu testemunho. Apesar da dificuldade que tinha em responder às perguntas do meu irmão a respeito da Igreja, eu estava determinada a saber, com certeza, que as coisas que me



havam sido ensinadas eram verdadeiras. Estudei as escrituras e fiz muitas perguntas aos meus pais e líderes da Igreja, até obter um testemunho firme do evangelho.

4. Não evite assuntos relacionados à religião. Já que a Igreja é uma parte tão importante da vida de um santo dos últimos dias, evitar assuntos religiosos pode dar a impressão de que estamos escondendo algo de outros membros da família. Em suas conversas, inclua experiências pessoais que digam respeito à Igreja.

5. Procure entender o ponto de vista deles. Eu sempre achava que meu irmão estava errado, mas, quando comecei a ver as coisas na perspectiva dele, fiquei surpresa. Como me sentiria se não pudesse estar presente no casamento da minha irmã mais jovem? Como me sentiria se não compreendesse parte da linguagem que minha família usa freqüentemente? Se eu fosse ele, talvez reagisse negativamente a coisas assim.



A IMPORTÂNCIA DO EXEMPLO

“Nossa fidelidade aos padrões outorgados pela divindade não deve ser, em hipótese alguma, motivo de ofensa para os que nos rodeiam. Não precisamos discutir com eles. Mas, se prosseguirmos com perseverança, o nosso exemplo tornar-se-á o argumento mais eficaz que teremos em defesa das virtudes da causa na qual estamos engajados.”

Presidente Gordon B. Hinckley, “Não Contendais com os Outros”, *A Liahona*, novembro de 1989, p 2.

6. Seja responsável por seus erros.

Eu costumava discutir com meu irmão, ou atacar suas crenças. Quando amadureci o suficiente para admitir que estava errada, desculpei-me, e meu relacionamento com ele está melhor do que nunca. Não se desculpe por suas crenças, mas somente por atos que não estejam de acordo com o evangelho.

7. Evite a discórdia. O Espírito não permanece onde existe discórdia. Se o Espírito não estiver presente, as oportunidades de aprendizado e crescimento também desaparecem.

8. Incentive as pessoas de outras crenças a participar de suas próprias atividades religiosas. Apesar de sabermos que nossa Igreja possui a plenitude do evangelho, muitas ver-

dades são ensinadas em outras Igrejas. E, mesmo nos pontos em que divergimos, ainda assim devemos respeitar a opinião alheia. Apóie os membros da família em suas atividades religiosas justas e boas, da mesma maneira que deseja que eles o apoiem nas suas. ■

Proclamação

Um Guia, um Consolo e uma Inspiração

E. JEFFREY HILL

Professor Associado de Vida Familiar, Universidade Brigham Young

Na reunião geral da Sociedade de Socorro de setembro de 1995, o Presidente Gordon B. Hinckley leu um documento preparado pela Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos. Antes de ler “A Família: Proclamação ao Mundo”, o Presidente Hinckley explicou: “Não é preciso que eu lhes lembre o tumulto em que se encontra o mundo, com os valores em constante mudança. Vozes estridentes proclamam diversas condutas contrárias aos padrões de comportamento cuja validade foi comprovada pelo tempo. (...) Havendo tantas falsidades ensinadas como verdades, tantos enganos quanto aos padrões e valores, tanto incentivo e sedução para que lentamente aceitemos a corrupção do mundo, sentimos a necessidade de adverti-las e admoestá-las” (“Enfrentar com Firmeza as Artimanhas do Mundo”, A Liahona, janeiro de 1996, p. 110). Essa proclamação tem-se provado profética desde que foi escrita, pois os valores têm mudado e os princípios morais têm entrado em decadência. Esse artigo ilustra como os princípios da proclamação podem ajudar as famílias a alcançarem paz e felicidade, mesmo durante épocas de adversidades.

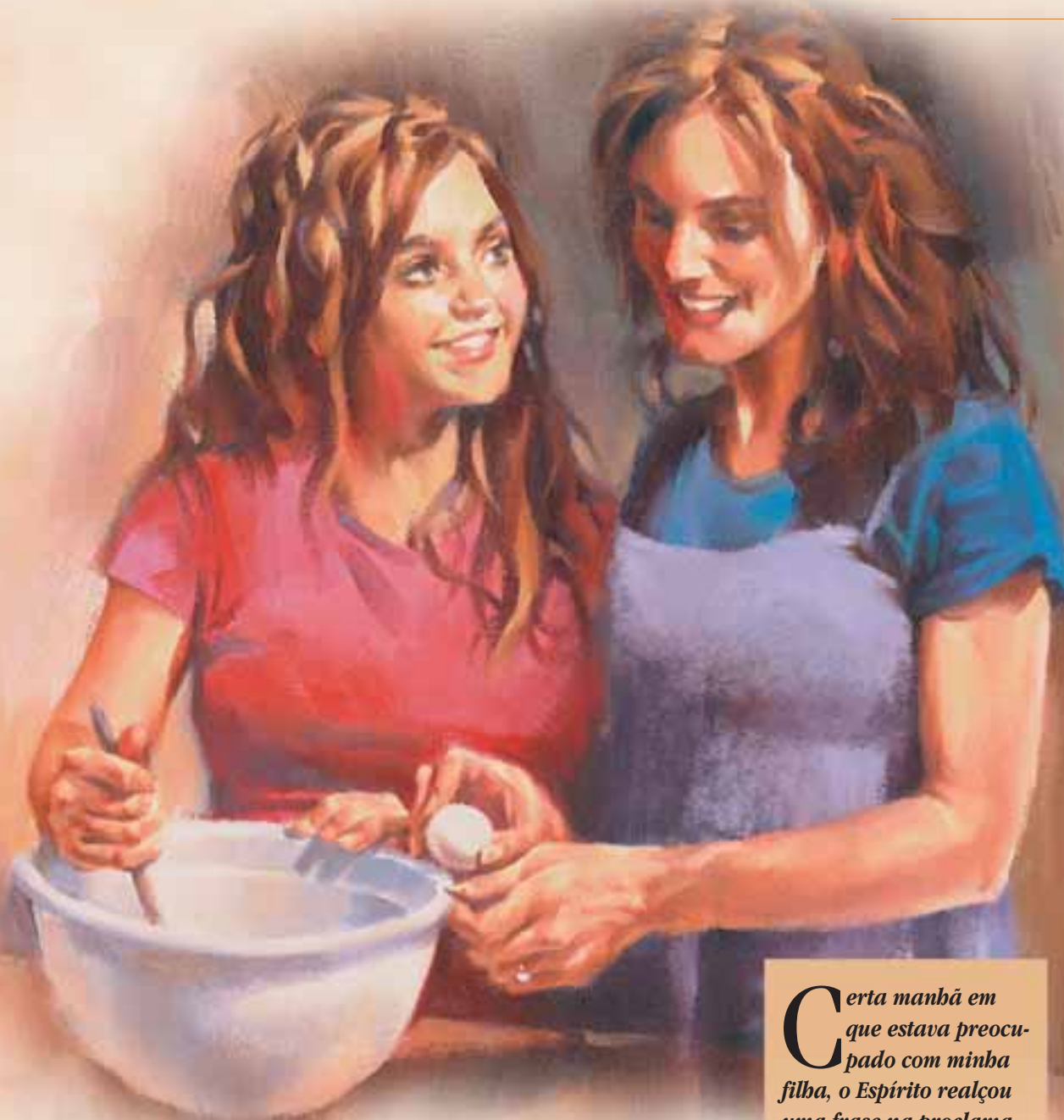
23 de setembro de 1995 foi um dia de mudanças na minha vida. Como parte das minhas designações no sumo conselho da estaca, eu participava da transmissão da reunião geral da Sociedade de Socorro. O Presidente Gordon B. Hinckley discursou e pela primeira vez ouvi as palavras de “A Família: Proclamação ao Mundo”.

Logo uma luz iluminou minha mente e coração. Ouvi atentamente. Havia acabado de concluir um doutorado em estudos sobre famílias, mas naquele momento ouvi mais verdades sobre famílias do que havia coletado em aproximadamente cinco anos de estudo. Senti o desejo de levantar-me e aplaudir. Quando o Presidente Hinckley finalizou seu discurso, senti um grande desejo de aplicar esses princípios em minha família e compartilhá-los com o mundo.

Nos dias que se seguiram, pensei constantemente na proclamação. Quando a revista da conferência finalmente

chegou, li a proclamação várias vezes. Ponderei e orei. Queria digerir suas palavras completamente para que se tornassem parte de mim. Foi aí que senti que deveria memorizá-la. Não seria fácil. Estava com mais de quarenta anos e já não era tão fácil memorizar quanto havia sido em minha juventude. Porém, continuava a sentir a inspiração: “Memorize a proclamação. Memorize a proclamação! MEMORIZE A PROCLAMAÇÃO!”

Carregava uma cópia comigo onde quer que eu fosse. Memorizava enquanto fazia a barba. Memorizava a caminho da universidade. Memorizava enquanto fazia exercícios. As últimas palavras na minha mente antes de ir para a cama e as primeiras palavras na minha mente ao levantar-me eram as palavras da proclamação. Nenhum milagre para ajudar na memorização aconteceu e meu progresso foi esmeradamente lento, mas após um mês conseguia recitar o texto inteiro.



Aplicar os Princípios da Proclamação

Já que havia conseguido memorizar, queria mantê-la na memória. Então, eu a recitava várias vezes todos os dias durante os exercícios e alongamentos que fazia de manhã. Ao fazê-lo, parecia que o Espírito realçava certas palavras ou frases. Eu ponderava sobre essas passagens e, como resultado, recebia inspiração que poderia ajudar a mim e a minha família.

Por exemplo, no verão seguinte eu estava preocupado com os amigos com quem minha filha adolescente passava tanto tempo, mas quando tentei falar com ela sobre o assunto, ignorou-me e tornou-se ainda mais distante. Enquanto estava correndo e pensando sobre a proclamação

certa manhã, o Espírito fez com que me lembrasse da última frase do parágrafo sete: “*Outros parentes devem oferecer ajuda quando necessário.*” Diminuí o passo e a imagem da minha irmã mais nova apareceu em minha mente. Essa minha irmã havia passado por muitas provações na vida quando mais jovem e agora estava

Certa manhã em que estava preocupado com minha filha, o Espírito realçou uma frase na proclamação: “*Outros parentes devem oferecer ajuda quando necessário.*” Fui inspirado a enviar minha filha para ajudar minha irmã durante sua gravidez.



As palavras da proclamação inspiraram a mim e minha esposa, Juanita, a começarmos a fazer uma reunião familiar de testemunho no domingo de jejum após as reuniões da Igreja.

prestes a dar à luz ao sétimo filho. O sentimento que tive foi que sua ajuda como parente era necessária. Então, comprei uma passagem de avião para minha filha e pedi que fosse ajudar sua tia por uma semana.

Algo interessante aconteceu naquele lugar distante.

Durante o dia minha filha sentia-se feliz por ajudar a família da minha irmã e, após as crianças dormirem, ela e minha irmã tinham longas conversas. Minha irmã conseguia falar com minha filha de uma forma que eu não conseguia. Ela contou como as escolhas feitas na adolescência haviam-lhe causado tanto sofrimento na vida. Ao retornar para casa, algo havia mudado na minha filha. Começou a fazer escolhas que abençoaram sua vida. Minha irmã, sua família, minha filha e eu, todos fomos abençoados por aquela viagem, inspirada pelas palavras da proclamação.

Mais uma vez as palavras “*Os pais têm o sagrado dever de criar os filhos com amor e retidão, atender a suas necessidades físicas e espirituais*” pesaram bastante na minha mente. Os membros de nossa família amavam uns aos outros e divertiam-se juntos, mas eu sentia que estávamos longe de alcançar nosso potencial espiritual. As palavras da proclamação inspiraram a mim e minha esposa, Juanita, a começarmos a fazer uma reunião familiar de testemunho no domingo de jejum após as reuniões da Igreja. Infelizmente, nossa primeira tentativa não contribuiu muito com nosso dever de prover as necessidades espirituais de nossos filhos. Nenhum deles realmente queria estar ali. Muitos deles reclamaram de fome e o caçula perguntou várias vezes: “Quando vai acabar?” Ainda assim perseveramos e após alguns meses cessaram as reclamações e começamos a sentir mais o Espírito. Essa reunião familiar de testemunhos se tornou um tempo precioso para compartilhar verdades sagradas e para ajudar-nos a “*criar nossos filhos com amor e retidão*”.

Um padrão estava começando a formar-se. À medida que freqüentemente revisava as palavras da proclamação, elas formavam um canal pelo qual o Espírito podia dar a minha esposa e a mim inspiração para guiarmos nossa família. Na verdade, a maior parte das inspirações não era algo grandioso como os exemplos que dei. A maioria das idéias vinham como “Leve Hanna para um passeio, só com você”, ou “Prepare o jantar para Juanita hoje à noite”, ou “Preste mais atenção no que Emily diz”, ou “Ponha Seth para dormir com mais freqüência”. Porém, as centenas de pequenos sussurros resultaram numa vida familiar muito melhor.

Consolo nos Momentos de Adversidade

Em 2001 os médicos descobriram que Juanita estava com câncer de mama e como já estava enraizado deram-lhe

um prazo de aproximadamente cinco anos de vida. Nossa melhor opção foi começar uma série de quimioterapias, cirurgias e radiação que eram agressivas e difíceis. Ficamos desanimados quando mesmo após nove meses de enjôos por causa da quimioterapia o tumor maior não havia diminuído nem um pouco. Durante essa provação, um dia, saí para correr e comecei a recitar a proclamação o mais alto possível para aliviar o estresse que estava sentindo. Isso me confortou.

Um dia quando cheguei na parte que diz “*O casamento e a família bem-sucedidos são estabelecidos e mantidos sob os princípios da fé, da oração*”, parei. Tive um sentimento de paz enquanto uma idéia se formava na minha mente. Era sábado de manhã antes do domingo de jejum e eu me senti inspirado a enviar um e-mail para todas as pessoas que conhecia, convidando-os a jejuar e orar exercitando sua fé para que a quimioterapia funcionasse. Recebemos uma grande demonstração de apoio. Até mesmo amigos de outras religiões descreveram as poderosas experiências que tiveram com o jejum e as orações. Mesmo sem que lhes pedíssemos, amigos da Austrália, Japão, Havái, Salt Lake, Boston, Bélgica e África do Sul incluíram o nome de Juanita na lista de oração de seu templo. Os resultados foram miraculosos. Nosso humor e fé mudaram imediatamente e durante as quatro semanas de tratamento que se seguiram, o tumor desapareceu quase que por completo. Juanita terminou o tratamento e nenhum vestígio do câncer permaneceu. Ficamos tão gratos! Mas esse não era o fim de nossas provações ou do consolo constante que a proclamação nos trouxe.

No início de 2004 ficamos arrasados ao descobrir que o câncer de Juanita havia voltado, desta vez nos pulmões. Num tom de voz sombrio o médico nos disse que iria tentar controlar o câncer o máximo que pudesse, mas que agora a cura não seria possível. A princípio, senti-me traído e sem esperança. Eu e Juanita tínhamos desejos e planos justos. E as missões que planejávamos servir juntos? E os netos que iríamos fortalecer espiritualmente? Como era possível acontecer isso conosco?

Ao recitar mentalmente a proclamação, desta vez foi

como se alguém houvesse acendido uma lanterna para iluminar as palavras “*Os filhos têm o direito de nascer dentro dos laços do matrimônio e de ser criados por pai e mãe*”. Reconheci que meus filhos tinham o direito de ser criados por pai e mãe. Essa declaração me encheu de esperança de que, mesmo os médicos acreditando não haver possibilidade de cura, um milagre aconteceria e Juanita seria curada.

Mudança de Foco

Tivemos uma vida razoavelmente normal e de esperança por cerca de seis meses, mas então o câncer começou a tomar um rumo inequívoco e devastador. Juanita perdeu

peso rapidamente e começou uma tosse constante e desconfortável. Qualquer esforço que fizesse, por simples que fosse, fazia com que tivesse dificuldades para respirar. Parecia que as coisas pioravam e nunca melhoravam. Logo ficou claro que não era a vontade de Deus que Juanita vivesse por muito mais tempo. Não tinha a menor idéia do por que Deus não havia prosseguido com o milagre de que tanto precisávamos e pelo qual aguardávamos com tanta esperança. No entanto, mais uma vez as palavras da proclamação deram-me inspiração e consolo:

“Os pais têm o sagrado dever de criar os filhos com amor e retidão, [e] atender a suas necessidades físicas e espirituais.”

“As ordenanças e os convênios sagrados dos templos santos permitem que as pessoas retornem à presença de Deus e que as famílias sejam unidas para sempre”. Em meio a muitas lágrimas, meu entendimento aumentou e vi que Juanita com certeza receberia uma cura miraculosa. Por causa do plano de salvação, Juanita passaria desta vida para um bonito lugar em que seria recebida por seu pai, por nossa filha que havia falecido e pelo Salvador. Por causa da Expição de Jesus Cristo, ela seria curada e receberia um corpo perfeito na ressurreição, livre do câncer e de qualquer outra enfermidade. Também consegui ver que por toda a eternidade nossos filhos teriam sua influência de mãe—outro milagre.

Também tive a inspiração do quanto poderíamos fazer para que os filhos sempre tivessem acesso a sua sabedoria. Recebi uma inspiração clara de que era hora de mudar nosso foco e, em vez de termos fé de que um milagre físico que não estava de acordo com a vontade de Deus

acontecesse, deveríamos nos concentrar em aprender o máximo que pudéssemos com Juanita no pouco tempo que nos restava. Precísávamo-nos preparar melhor para *“retornar à presença de Deus e para que [nossa família fosse unida] para sempre.”* Em nossa reunião familiar de

testemunhos expressamos esses sentimentos bastante emocionados e sua verdade tocou a todos nós de maneira profunda. Depois saímos para trabalhar.

Juanita escreveu seu testemunho sobre as verdades do evangelho restaurado de Jesus Cristo, e eu fiz o mesmo. Imprimimos e mandamos plastificar, junto com nossas fotos em um tamanho que caberia nas escrituras de nossos filhos. Juanita escreveu cartas longas de próprio punho para cada um dos filhos, expressando seu apreço e dando palavras de incentivo e conselho. Gravamos sua voz suave cantando hinos, canções da Primária e canções de ninar. Fizemos CDs para cada uma das crianças e para os netos que viriam no futuro. Também gravamos mensagens para ocasiões especiais como ida ao templo, saída para a missão, casamento, dar à luz um bebê. Juanita fez mantas e babadores para os netos. Nossa vida naquele momento estava concentrada, cheia de atividades e recebemos bastante consolo do Espírito. Tudo isso aconteceu como resultado da inspiração que veio por meio da proclamação.

“Eu também”

Todos os nossos filhos estavam ao lado de Juanita quando ela faleceu e todos tiveram a oportunidade de expressar-lhe carinho. Ela estava consciente e falou conosco até cerca de dez minutos antes de seu falecimento. Foi quando eu lhe disse: “Eu a amo”, e ela respondeu em espanhol, “Lo mismo”, que significa “Eu também”. Aquelas foram suas últimas palavras. Seu falecimento foi tranqüilo.

Fico maravilhado ao ver como a proclamação ajudou a mim e a minha família desde aquele sábado à noite, mais de uma década atrás, quando a ouvi pela primeira vez. Ela é a palavra de Deus e pode ser a base de grande

alegria e felicidade na vida familiar, mesmo em meio a provações que não podemos compreender. Sei por meio do Espírito que “A Família: Proclamação ao Mundo” é um documento inspirado para as famílias de hoje e, se for estudada de maneira séria, ela abrirá janelas de ajuda divina para nossa família. ■

E. Jeffrey Hill é membro da Ala V Canyon View, Estaca Canyon View Orem Utah



Duas Crianças no Meu Pé

IDA L. EWING

Ao fim de um dia particularmente improdutivo, estava aborrecida ao ver minha incapacidade de fazer qualquer coisa com duas crianças que mal sabiam andar agarradas a mim o tempo todo. Decidi telefonar para Treisa, minha irmã mais velha, a fim de aconselhar-me com ela. Mesmo sendo mãe de três garotos agitados, ela ainda consegue ser alegre e calma. Compadeceu-se de mim, dizendo que meus esforços a fizeram lembrar-se de uma experiência que teve logo após se mudarem do pequeno trailer onde viviam.

Treisa esperava que após mudar-se para uma casa maior, seus filhos passassem a construir castelos de brinquedo em qualquer outro lugar, menos em frente à pia da cozinha, e não precisassem mais usar a pilha de roupas que estavam sendo dobradas como local de contagem para os piques de esconde-esconde. Entretanto, por algum motivo, essa mudança nunca aconteceu—seus filhos continuaram a correr ao seu redor. Mas ela disse-me que um dia encontrou uma passagem de escritura em Marcos 10:13–14, 16 que a ajudou a superar suas frustrações.

Depois de nossa conversa, li a escritura:

“E traziam-lhe meninos para que lhes tocasse, mas os discípulos repreendiam aos que lhos traziam.

Jesus, porém, vendo isto, indignou-se, e disse-lhes: Deixai vir os meninos a mim, e não os impeçais; porque dos tais é o reino de Deus. (...)

E, tomando-os nos seus braços, e impondo-lhes as mãos, os abençoou.”

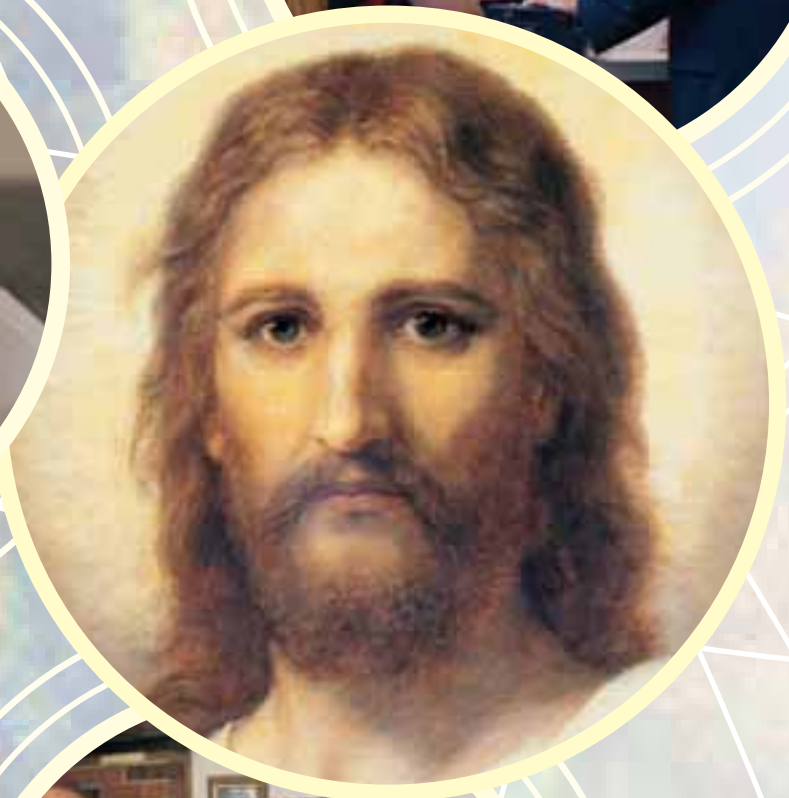
Notei que pouco antes desse incidente com as crianças, Cristo havia sido provocado pelos Fariseus. Ele poderia ter facilmente se sentido cansado ou impaciente, contudo, acolheu as criancinhas, pegando-as no colo e abençoando-as.

Ponderei sobre esse ato de amor abnegado, concentrando-me no significado disso para mim, como mãe. Percebi que repelia meus filhos com muita frequência. Porém, se seguir o exemplo de Cristo, então, mesmo quando as louças e as rou-

pas sujas estiverem se amontoando, as contas precisarem ser pagas e eu não tiver dormido o suficiente, conseguirei parar, pegar meus filhos nos braços e demonstrar-lhes meu amor. Talvez isso fosse o que minha irmã estivesse tentando dizer-me: quando seus filhos estão nos seus braços, não estão no seu pé. ■

Ida L. Ewing é membro da Ala Crestview, Estaca Walton Beach Flórida.





SOLTEIROS E CASADOS Juntos na Fé



KATHLEEN LUBECK PETERSON

Juan Fortunato de Buenos Aires, Argentina, ensina inglês aos membros de sua ala que estão interessados em aprender a língua. “Fui abençoado com a forte amizade de cada membro da classe”, diz ele. “Todos temos algo para compartilhar com os outros.”

Quando Shirley Sun, de Taipei, Taiwan, mudou-se para uma nova ala, o bispo a chamou para ensinar a classe de Princípios do Evangelho. “Tive muitas oportunidades de falar com os membros da classe e conhecê-los melhor”, diz ela.

Susan Buckles mudou-se para Hilton Head, Carolina do Sul, e visitou o Centro de História da Família local. A pessoa responsável pelo centro perguntou-lhe se gostaria de trabalhar como voluntária e Susan aceitou. “Não há como medir o crescimento a menos que se esteja ativamente envolvido”, disse Susan. “Torne-se útil. Outros vão notá-la e vão solicitar a sua ajuda”.

Quem era solteiro nesses três relatos? Quem era casado? Na realidade, não importa. O que realmente importa é a alegria que vem quando a integração e o amor de Cristo andam juntos.

O Presidente Gordon B. Hinckley importase com todos os santos. Ele disse aos membros que são solteiros: “Preocupa-me um pouco a tendência que há na Igreja de separar os membros em várias classes e grupos. (...) Vocês são homens e mulheres, portadores do sacerdócio, mulheres que participam da Sociedade de Socorro. São extremamente

Tanto casados quanto solteiros, os santos dos últimos dias podem experimentar o poder do amor do Salvador, que nos unifica.



O QUE NOS UNIFICA? NOSSO TESTEMUNHO

Havendo encontrado os missionários muitas vezes desde a adolescência, estava com trinta e quatro anos quando recebi a bênção de ver, reconhecer e saber a verdade.

Por muitos anos, eu havia sido orgulhosa demais para crer na história de um garoto, de uma visão e das placas de ouro. Agora sei por meio da confirmação do Espírito Santo que Joseph Smith é um profeta escolhido por Deus. Por causa da sinceridade e do grande desejo do Profetas, a verdadeira Igreja de nosso Salvador vivo foi restaurada. Sei que podemos retornar à presença de Pais Celestiais amorosos à medida que nos achegamos a Cristo.

Marianne Lipps, de Sidney, Austrália

importantes para esta obra. A Igreja é muito mais forte por causa de vocês”.¹

Todos podemos experimentar o puro amor de Cristo independentemente da idade, estado civil, riqueza, pobreza, ou mesmo popularidade. O poder desse amor pode transformar vidas para que nos tornemos “não [mais] estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus” (Efésios 2:19).

Trabalhar Juntos como Santos

À medida que os membros da ala ou ramo trabalham juntos e mostram amor cristão uns pelos outros, a família da ala ou ramo pode-se tornar mais unida.

Tanto os solteiros quanto os casados se reúnem no instituto em Hsin Chu, Taiwan. No instituto, diz Jianbang Lee, “Tenho a oportunidade de integrar-me com os membros, além de participar das reuniões de domingo na Igreja. É uma oportunidade maravilhosa para que os membros se conheçam, troquem idéias e façam amizades.”

O irmão Lee achava difícil fazer amizade com os membros da ala. “Mas quando comecei a perceber que havia muitas pessoas que se importavam comigo e me amavam, o mundo inteiro pareceu transformar-se”, diz ele. “Comecei a amar a ala e os membros. Comecei a dar mais de mim, em vez de esperar receber amor, favores ou amizade dos outros.”

Kristine Amosin Cazon, de Manila, Filipinas, foi a sua nova ala com uma amiga. Uma irmã bondosa apresentou-as a outros jovens adultos solteiros, à presidente da Sociedade de Socorro e ao bispo. Pediram a Kristine e sua amiga que se levantassem durante a reunião sacramental para que os membros as conhecessem. Isso fez com que se sentissem bem-vindas.

“A primeira vez que me deram as boas-vindas ao ramo, fiquei surpresa ao ver o quanto todos eram amorosos e se

importavam”, disse Natassa Cokl, de Celje, Eslovênia. “Não estava acostumada a conhecer uma pessoa em um dia e, no dia seguinte, ouvi-la dizer que me amava. Fui recebida de braços abertos.”

Carla Martinez, uma jovem adulta de Buenos Aires, Argentina, sentia-se invisível em sua nova ala. Não conhecia os membros. Carla havia-se mudado muitas vezes com a família e a vida nem sempre lhes fora fácil, até que uma irmã começou a fazer amizade com ela.

“Aldana fez um bolo de aniversário para mim e enfeitou a sala simples onde eu morava com meus pais”, diz Carla. “Ela me deu o melhor presente que eu poderia ganhar—seu amor sincero.”

Uma irmã ajudou Juan Fortunato a integrar-se aos membros de sua nova ala, tornando a transição mais fácil. “Ela literalmente me apresentou a cada jovem da estaca”, disse o irmão Fortunato. “Ajudou-me a sentir que fazia parte do grupo, como se tivesse uma nova família. Hoje ela é minha esposa.”

Tornar a Jornada Mais Fácil para os Solteiros

Joyce Baggerly, de Provo, Utah, que é solteira, considera-se membro do reino de Deus na Terra. “Ser solteira em uma igreja em que a maioria das pessoas é casada nunca foi um problema para mim”, diz ela. “Seria melhor se eu fosse casada, mas não sou, então faço o melhor com aquilo que tenho.”

Quando se muda para uma nova ala, procura-se o secretário executivo, solicita-se uma entrevista com o bispo e certifica-se de que o secretário encarregado requisite a sua ficha de membro.

“Apresento-me à presidente da Sociedade de Socorro e peço que me dê uma companhia de professora visitante. No primeiro domingo de jejum, presto o testemunho sobre Jesus Cristo e expresseo o quanto amo o Salvador. Participo de todas as atividades



Quando os membros servem na Igreja, conseguem esquecer suas diferenças e ter o sentimento de que fazem parte do grupo.

promovidas pela ala”, disse ela. “Nas raras ocasiões em que volto para casa após me sentir ignorada, faço uma oração ao Senhor para que eu possa continuar firme, com o mesmo semblante alegre que geralmente tenho aos domingos, e que consiga manter aquele sorriso até que seja aceita.”

Julie Gill, de San Antonio, Texas, procura fazer amizade tanto com irmãs solteiras quanto com as casadas. “O evangelho é uma grande força de união”, diz ela. “Mas, algumas vezes, as pessoas casadas se esquecem de que nem todos os solteiros são iguais, ou supõem que os solteiros só podem fazer amizade com outros solteiros. Certa irmã, com a mesma idade que eu e dois filhos, me disse: ‘Você é tão jovem.’ Esse é um pensamento comum, mas podemos aceitar nossas diferenças e usá-las para ajudar-nos mutuamente”.

Chamados a Servir

Courtney McGregor mudou-se para Salt Lake City após a morte repentina da esposa. Para integrar-se, andou a segunda milha. “Sempre há oportunidades de servir, mesmo sem ter um chamado específico”, diz ele. “Ofereci-me para

ajudar com o sacramento. Isso fez com que eu falasse com pessoas que, de outra forma, não teria conhecido tão cedo. Também me ofereci para ajudar na limpeza do templo. Minha experiência mostrou que, casado ou solteiro, não importa, qualquer um pode fazer amizades.”

Katrina Young, de San Antonio, Texas, tem uma perspectiva semelhante: “Tenho o desejo de fazer parte, assim participo das aulas, aceito chamados, faço visitas, ofereço-me para limpar o prédio, dou carona aos membros de nossa ala, participo das atividades e tento aprender o nome de uma família ou pessoa a cada semana. Descobri que eu é que sou servida”.



INCLUÍDOS NO EVANGELHO

Adoro as atividades dos jovens adultos solteiros. A Igreja oferece-nos várias oportunidades de tornarmos amigos, sair com pessoas do sexo oposto com o objetivo de conhecer um ao outro e, finalmente, casarmos-nos. Sei que os líderes da Igreja pensam constantemente nesse grupo e sou grata por seu amor. Sei que não somos excluídos por sermos jovens ou solteiros; em vez disso, somos incluídos em cada aspecto do evangelho.

Hollu Smith, de Victoria, British Columbia, Canadá

Cuidar de Nossos Idosos

Annelise Scott havia acabado de mudar-se para sua nova ala em Irvine, Califórnia. Lá havia muitas outras viúvas idosas. Ninguém realmente se conhecia. Então, duas irmãs da ala planejaram fazer um almoço para as outras, e desde aquele dia essas irmãs são amigas. Sentam-se juntas nas reuniões da Igreja, celebram aniversários, vão juntas no mesmo carro para as atividades e se ajudam quando necessário.

“Ficamos atentas às novas irmãs idosas que entram na Sociedade de Socorro, então pegamos seu nome e número de telefone para que as mantenhemos ativas e participem de nosso pequeno grupo”, diz a irmã Scott.

Para Os que São Tímidos

Da mesma forma que há membros nas alas e ramos que são descontraídos, também há pessoas que são tímidas. Falar com o bispo ou presidente de ramo pode ajudar os solteiros a estarem mais envolvidos na ala ou ramo.

“Caso você esteja disposto a sair da zona de conforto e tomar a iniciativa de fazer amizade com solteiros, com famílias da Igreja e até mesmo com as crianças da Primária, você descobrirá que as pessoas o amarão e pensarão em você com carinho”, diz Shuwen Yang de Kaohsiung, Taiwan.

Susan Buckles participou de uma reunião com alguns irmãos e irmãs latinos e percebeu que tinham uma maneira diferente de dançar. “Se alguém não tivesse um par, eles incluíam a pessoa na dança segurando a mão e dançando juntos em um círculo”, diz ela. “Eles faziam com que as diferenças desaparecessem para que todos se sentissem parte do grupo.”

Voltar-se para o Salvador

O que unifica os santos?

“O puro amor de Cristo torna-nos parte da família de Deus”, diz Yingling Huang, de

Hsin Chu, Taiwan. Observando o Salvador, podemos nos tornar um.

“O que unifica os solteiros com sua ala ou ramo é o mesmo que unifica todos os membros—nosso testemunho de Jesus Cristo”, diz Roger Borg, de Costa Mesa, Califórnia. “O Salvador convida-nos todos a achegarmos-nos a Ele. Todos os membros solteiros dignos podem receber as bênçãos do evangelho, inclusive as bênçãos do templo, e podem aguardar com esperança por bênçãos, inclusive o casamento eterno, que ainda não conseguiram receber nesta vida.”

Quando se combina amor e amizade, solteiros e famílias de todas as idades servem uns aos outros, cuidam uns dos outros e têm “seus corações entrelaçados em unidade e amor entre si” (Mosias 18:21). Como resultado disso, todos são abençoados. ■

Kathleen Lubeck Peterson é membro da Ala Footbhill, Estaca Utah Salt Lake Norte.

NOTAS

1. *Ensinamentos de Gordon B. Hinckley* (1997), p. 605.



A Última Entrevista

Ofelia J. Hurtado

Falando em progresso espiritual, uma certa conversa foi para mim uma grande bênção e continuará sendo para sempre.

Quando terminei a missão, tive uma última entrevista com o presidente.

Ele falou sobre as mudanças que aconteceriam na minha vida ao retornar para casa. Disse-me que se quisesse continuar ativa na Igreja, eu precisaria ter sempre um chamado e que se não tivesse, deveria falar com o bispo. O outro conselho que me deu foi ainda mais enfático: disse-me que se não fosse casar-me no templo, deveria, então, ficar solteira.

Segui suas instruções ao pé da letra e, cada vez que me sentia tentada a me casar fora do templo, lembrava-me de suas palavras. Elas me deram a força necessária para continuar firme na decisão de casar-me no templo.

Em geral, nós, ex-missionários, enfrentamos uma batalha porque queremos nos casar logo. Torna-se mais difícil ainda quando os membros de nossa ala e ramo nos perguntam por que ainda estamos solteiros. O tempo voa e, se não estamos casados, com frequência ouvimos conversas que nos prejudicam e podem tornar-nos amargos.

Mas sou grata ao meu presidente de missão que me deu o sábio conselho de casar-me somente no templo, pois agora estou colhendo os frutos

de ter seguido o que me aconselhou a fazer. Dez anos após terminar a missão foi que encontrei meu companheiro eterno. Casamo-nos no Templo de Caracas, Venezuela, em 2000, e foi uma experiência linda.

Serei sempre grata ao conselho que o presidente me deu no fim da missão.

Enquanto esperava, nada podia mudar minha confiança nas palavras do servo do Senhor.

Agora tenho a felicidade de ser a mãe de uma garotinha e sou feliz por ter-lhe proporcionado a bênção de nascer sob convênio. Ao olhar para ela, posso ver o impacto da conversa que tive com o presidente da missão. ■

Ofelia J. Hurtado é membro da Ala Las Delicias, Estaca Venezuela Maracay.



Mantimentos ou Dízimo?

Charlotte Arnold

Era meu primeiro ano como funcionária de uma empresa de cosméticos. Na época eu estava divorciada e morava sozinha com dois filhos. Em dezembro, a empresa enviou grandes caixas para cada vendedor contendo os produtos de Natal que precisávamos vender durante a época de festas. Isso significava que uma grande parte havia sido descontada do meu salário. Quando calculei todas as despesas mensais e o dízimo, vi que havia o suficiente para sustentar três pessoas—mas apenas por uma semana. Esse dinheiro tinha que ser o suficiente para os mantimentos do mês inteiro e para a gasolina do carro que precisava para trabalhar.

Nosso mestre familiar veio visitar-nos e contei-lhe nossa situação. Disse-lhe que não poderia pagar o dízimo naquele mês porque, caso pagasse, não teria dinheiro para alimentar meus filhos. Meu fiel mestre familiar aconselhou-me a pagar o dízimo. Recomendou-me que o fizesse com fé e o Senhor com certeza me abençoaria. Meu mestre familiar era sempre notado por sua fidelidade e confiança. Brincando, disse a ele: “Se não tiver

dinheiro para comprar os mantimentos, eu o procurarei.” No entanto, confiava nele e não queria desapontá-lo não seguindo seu conselho. Então paguei o dízimo integral.

Ao começar a mostrar os produtos de Natal logo no início do mês, consegui vender muitos deles. Quando chegou o fim do mês, eu havia vendido toda a mercadoria natalina e todos os produtos que estavam encalhados no estoque havia vários meses. Tivesse mais produtos disponíveis, com certeza também os teria vendido todos.

Uma grande quantia havia sido descontada do meu salário; só tinha dinheiro suficiente para cobrir as despesas de uma semana.

A promessa do meu mestre familiar cumpriu-se completamente. O Senhor realmente abriu as janelas do céu. Conseguimos mais dinheiro naquele mês do que precisávamos. Mais tarde perguntei a meus colegas de trabalho como haviam sido suas vendas durante a época de Natal. Eles não estavam satisfeitos. Uma recessão havia causado uma queda nas vendas das indústrias de cosméticos naquele período.

Sou muito grata àquele mestre familiar por dar-me esse bom conselho. Desde aí, tenho mantido um forte testemunho do dízimo. Quando faço visitas de professora visitante e encontro irmãs que sentem que não podem pagar o dízimo porque têm pouco dinheiro, presto-lhes testemunho de quão abençoadas seremos se o fizermos. ■

Charlotte Arnold é membro da Ala Essen, Estaca Alemanha Dortmund.

Seu Livro É um Livro Verdadeiro

Ann Cue

O dia em que os missionários bateram em minha porta ficará sempre como um dos momentos decisivos de minha vida. Não que estivesse procurando um sentido—havia sido profundamente religiosa desde a infância. Havia passado sete anos em um convento e, embora houvesse deixado aquele estilo de vida porque ele não me aproximava mais de Deus, estava envolvida com o coro e o ensino religioso da congregação da minha igreja.

Na verdade, havia tomado a firme resolução de não discutir religião com nenhum missionário que batesse em minha porta, pois o espírito de discórdia freqüentemente se elevava quando os conflitos de interpretações das escrituras eram debatidos. No entanto, o Senhor, em Sua bondade, havia-me preparado para essa visita. Alguns meses antes havia ouvido alguém fazer um comentário sobre um “livro mórmon” ligado à mitologia da América do Sul. Esse fato me inspirou a ter o desejo de pesquisar qualquer informação que esse livro pudesse me fornecer sobre temas que já havia estudado. Eu havia guardado a informação na mente para referência futura, sabendo que mais cedo ou mais tarde leria o tal livro mórmon e pesquisaria sua validade mitológica.

Ao atender a porta naquele dia,

não estava pensando sobre livros nem temas mitológicos. Eu era uma jovem mãe bastante ocupada, que gastava a maior parte da energia cuidando de um bebezinho e correndo atrás de um garoto de três anos bastante ativo. Porém, ao aproximar-me

de terno e declararam que profetas e apóstolos estavam atualmente na Terra,

Quando os missionários retornaram, tinha uma mensagem de grande importância para eles: “Seu livro é um livro verdadeiro!”



minha habilidade de acreditar neles foi fortemente tes-

ta da porta, minha mente foi dominada por um tipo de visão, uma imagem mental de Abraão indo até a porta de sua tenda no dia em que recebeu uma importante mensagem. Fiquei impressionada com a premonição de que abrir aquela porta me traria uma mensagem de algum valor.

Todavia, fiquei confusa quando tudo o que estava à minha frente eram dois rapazes que se identificaram como missionários santos dos últimos dias. Se não fosse pela “visão”, eu teria educadamente me despedido deles e fechado a porta. Decidi, em vez disso, saber qual era o tipo de mensagem que tinham para mim.

Tudo começou errado. Um deles perguntou-me se acreditava em profetas. Com certeza eu acreditava. Porém, quando esses rapazes de maneira entusiástica me apresentaram a foto de quinze homens vestidos

tada. Havia crescido numa religião cujo clero se vestia de forma diferente e ternos não eram o tipo de roupa que usavam! Então decidi, generosamente, ignorar o comentário e procurei mentalmente alguma razão lógica para a “visão” ainda clara em minha memória.

Não me lembro de como relatei os missionários “santos dos últimos dias” ao livro “mórmon” e, quando esse pensamento passou pela minha mente, fui direto ao assunto.

“Vocês não têm algum tipo de livro?”, perguntei-lhes. Disseram que sim. Disse-lhes que não havia encontrado na biblioteca e não sabia onde consegui-lo. Talvez pudessem ajudar-me. Eles disseram que poderiam. Propuseram-se a voltar com um exemplar na semana seguinte. Prometi a mim mesma que não “debateria”

religião e assim eles simplesmente deixariam o livro e iriam embora.

Quando finalmente recebi meu exemplar do livro, agradei aos rapazes e concordei, novamente sem qualquer sentimento de compromisso, que voltassem para responder a quaisquer perguntas que tivesse. Mais tarde naquela noite, após meu marido haver chegado do trabalho e as crianças se recolherem, peguei o livro e comecei a lê-lo.

Nada me havia preparado para aquilo que encontrei em suas páginas. Foi com grande admiração, impacto, encanto e um pouco de confusão que logo compartilhei com meu marido a mais maravilhosa de todas minhas descobertas: “Este é um livro de escritura!”

Não havia dúvida alguma. Havia levado a sério o estudo das escrituras e lido o suficiente a literatura sagrada do mundo para saber de imediato que esse livro não era o registro de um mito, ou um antigo texto de história, ou qualquer outra coisa além da verdadeira palavra de Deus. Ele falou comigo com uma voz espiritual e, ao começar a seguir as notas de rodapé e pesquisar os assuntos que me interessavam, recebi respostas para muitas das questões teológicas que me intrigaram durante anos. Esse foi, sem dúvida alguma, o livro mais empolgante que eu já havia segurado e ele continuou a me surpreender e edificar ao ler qualquer página em que abrisse.

Quando os jovens missionários retornaram, conforme prometeram, eu estava em casa e tinha uma mensagem de grande importância para eles. Disse-lhes algo de que precisavam

saber: “Seu livro é um livro verdadeiro!” Pedi que me dissessem por que era propriedade de *sua* Igreja, sentindo que estava nas mãos erradas!

Naquele momento, estava pronta para ouvir o que tinham para dizer. Após muitos meses de pesquisa, cheguei à conclusão que esse livro maravilhoso não me havia trazido apenas luz e conhecimento que estavam além de minhas expectativas mais altas, mas havia também me conduzido à plenitude do evangelho, ao poder do sacerdócio e ao conhecimento de que aqueles quinze homens vestindo ternos eram a evidência da verdadeira Igreja de Jesus Cristo, novamente presente sobre a face da Terra. ■

Ann Cue é membro da Quarta Ala de Madison, Estaca Wisconsin Madison.

Crescer no Evangelho

Douglas Zardo

Eu e minha esposa havíamos ensinado nossos filhos a orarem ao Pai Celestial, mas não freqüentávamos regularmente nenhuma igreja—acreditávamos poder amar a Deus em casa da mesma forma que indo a uma igreja. Nossa vida começou a mudar quando dois jovens missionários foram ao meu escritório no início de março de 1997.

Disseram-me que gostariam de dar-me um presente especial. Convidei-os a irem à minha casa naquela noite, pois toda a família estaria reunida. Naquela noite me

trouxeram não apenas uma mensagem espiritual, mas também o presente que era o Livro de Mórmon.

Durante as semanas subseqüentes, os missionários retornaram muitas vezes à nossa casa. Aprendemos a orar sinceramente, aprendemos novos mandamentos do Senhor e finalmente fomos convidados a tornar-nos membros da verdadeira Igreja de Jesus Cristo. O batismo seria o primeiro passo para nos associarmos à Igreja.

Eu e minha esposa fomos batizados no dia 26 de março de 1997. Três meses após o batismo, o bispo chamou-me para ser o presidente da Escola Dominical. Recusei, dizendo que não poderia cumprir o chamado por não estar preparado. O bispo, no entanto, persuadiu-me a aceitá-lo e deu-me o manual da Escola Dominical para estudar.

Dois meses mais tarde, a professora de Doutrina do Evangelho ligou-me durante a semana para comunicar-me que não iria à Igreja no domingo e, por isso não poderia ensinar a aula sobre a seção 98 de Doutrina e Convênios. Ela deu-me o nome de três pessoas que poderiam substituí-la. Fiz contato com todas, mas já estavam ocupadas com compromissos que já tinham assumido. Ao desligar o telefone após a última conversa, senti que o Pai Celestial queria que eu desse a aula.

Não conhecia Doutrina e Convênios muito bem, mas com a ajuda do primeiro conselheiro do bispado, da biblioteca da ala e do manual, consegui preparar a aula.

Estava nervoso porque iria ensinar membros da ala que tinham mais

conhecimento que eu mas, durante o pouco tempo que tinha como membro, havia aprendido que se orarmos ao Pai Celestial, Ele nos ajudará. No domingo, antes de começar a aula, orei pedindo paz e força. Ao entrar na sala, os irmãos e as irmãs estavam receptivos, sorrindo para mim e ajudaram-me. Todos participaram atentamente e senti que o Espírito do Senhor me havia abençoado para ensinar aquela aula importante.

Depois disso tive certeza de que o Senhor somente nos dá tarefas que podemos desempenhar—com Seu auxílio e com a ajuda de outros membros.

Oito meses mais tarde, recebi o Sacerdócio de

Melquisedeque. Meu filho, Anderson, que não é membro da Igreja, estava com problemas na pele do pescoço e já havia sido examinado por três médicos e, mesmo após tomar antibióticos, não havia percebido melhora alguma.

Eu sabia que o sacerdócio poderia ajudá-lo e por isso expliquei-lhe sobre as bênçãos desse poder. Ofereci-lhe uma bênção, mas ele não a aceitou. Achava que os remédios logo fariam efeito e curariam a infecção. Finalmente, após meses, pedi-me uma bênção.

Aquela foi a primeira vez que usei o sacerdócio para esse propósito. Cinco dias mais tarde Anderson entrou no meu quarto muito feliz. Seu pescoço estava completamente curado.

Perto de completarmos um ano de batismo, fui chamado para ser o líder da missão da ala. Dessa vez aceitei o chamado sem hesitação alguma. Minha esposa foi

chamada segunda conselheira na Sociedade de Socorro.

Em abril de 1998, fomos selados no Templo de São Paulo. Nunca nos esqueceremos daquele dia em que fizemos convênios com o Pai Celestial.

Um mês após nosso selamento no Templo de São Paulo, fomos a uma conferência em que uma nova presidência de estaca foi chamada e apoiada. Nosso bispo foi chamado para a presidência da estaca e, para minha grande surpresa, fui chamado para ser o novo bispo da ala. Fiquei surpreso e inseguro, mas jamais questioneei o chamado. Na verdade, ao aceitá-lo tive a certeza de que Deus estava-me abençoando e que me ajudaria a cumprir o chamado de bispo.

Como bispo, aprendi que estamos edificando a Igreja de Jesus Cristo em toda a Terra e que, por meio de um profeta, vidente e revelador, Ele nos tem concedido a autoridade para levar o evangelho a todas as nações, povos e línguas.

Nossa vida mudou porque eu e minha esposa permitimos que o evangelho entrasse em nosso coração.

Agora entendemos que, se formos

fiéis aos convênios feitos com o Pai Celestial no templo, Ele nos abençoará nesta vida, fortalecer-nos-á em nossos chamados e, no fim, receber-nos-á em Sua presença. ■

Douglas Zardo é membro da Ala Indianópolis, Estaca São Paulo Brasil Santo Amaro.

Estava nervoso porque iria ensinar membros da ala que tinham mais conhecimento que eu, mas durante o pouco tempo como membro havia aprendido que se orarmos ao Pai Celestial, Ele nos ajudará.



A Volta Perfeita

O que você faria se um de seus colegas ficasse ofendido em uma Mutual?

RICHARD D. HAWKS

Em uma noite, quando servia como líder dos jovens da minha ala, cheguei à Igreja e não me surpreendi de encontrar um grupo de rapazes jogando basquete na quadra, enquanto esperavam o início da reunião. Surpreendi-me, porém, com a presença de David. Ele era relativamente novo na ala, mas já havia demonstrado que comparecer a atividades da Igreja não era parte de sua rotina. Sua vinda a uma atividade dos rapazes era um grande passo.

David mostrou-se hábil em misturar-se ao grupo sem ser notado—isto é, até o momento em que a bola, depois de bater no aro, veio direto para ele. Pegou a bola e se deu conta de que era a sua vez de arremessar. Ele bateu algumas vezes a bola no chão e a atirou, desajeitado, para a cesta. A bola chocou-se fortemente contra o aro e voltou diretamente em sua direção, atingindo-lhe os braços, que usou para proteger a cabeça. Todos riram, inclusive David.

Em seguida, a bola foi dada a outro garoto, que, para zombar, imitou o arremesso desajeitado de David. Mais uma vez, quase todos os meninos riram, mas dessa vez David não

riu. Ele tinha vindo para ser parte do quórum dos sacerdotes, mas tinha-se tornado motivo de piada.

David dirigiu-se à saída e foi-se embora.

Fiquei com o coração despedaçado pela situação. Não sabia, ao certo, o que fazer, mas sabia que precisava fazer algo para que ele ficasse. Saí atrás de David, tentando pensar em alguma coisa para ajudá-lo a ter coragem de voltar.

Enquanto seguia David, fiquei surpreso em ver Dennis, um dos outros sacerdotes, passar correndo e colocar o braço sobre David. Não sei o que disse, mas Dennis deve ter recebido inspiração, porque o coração de David foi tocado e ele, hesitante, mas de boa vontade, voltou para a igreja. Foi um momento maravilhoso.

Algumas semanas depois, uma situação parecida aconteceu. Alguns membros da ala, inclusive alguns dos nossos rapazes, estavam ensaiando para uma apresentação teatral. Todd, um dos sacerdotes, era um dos atores. Durante o ensaio, alguém zombando imitou a atuação dele. Ele se sentiu ofendido e começou a andar em direção à porta, desanimado.

“Ah! Não”, pensei, “aconteceu de novo.”



Fui compelido a segui-lo e a encorajá-lo a ignorar a ofensa e voltar.

O que aconteceu em seguida foi uma linda surpresa.

Dessa vez não foi Dennis que passou correndo por mim, foi David. David, o mesmo que, havia apenas poucas semanas, saíra desanimado, era o que agora estava inspirado. Ele correu até alcançar Todd e, colocando o braço sobre ele, apelou para que voltasse. Todd aceitou o convite e, depois de alguns minutos, os dois rapazes, lado a lado, estavam de pé no palco. David, naquele momento, foi bem-sucedido e convenceu mais alguém a ficar.

Ao testemunhar esse exemplo do Sacerdócio Aarônico em ação, lembrei-me de uma citação do Élder Neal A. Maxwell (1926–2004) do Quórum dos Doze Apóstolos: “Ficamos tão ocupados verificando nossa própria temperatura que não percebemos a febre alta dos outros, ainda que possamos oferecer-lhes alguns dos remédios necessários, como um pouco de encorajamento, bondade e elogio. Os que mais precisam de ajuda ou incentivo são justamente aqueles que estão desanimados demais para pedi-los.” (“Absorvidos Pela Vontade do Pai”, *A Liabona*, janeiro de 1996, p. 25).

As mãos de David foram as que desfaleceram. Por conta de um ato altruísta de um rapaz para com ele, as mãos de David tornaram-se depois aquelas que edificaram. ■

Richard D. Hawks é membro da Ala II Country Crossing, Estaca South Jordan Country Crossing Utah.



Perguntas e Respostas

“Os meninos da escola me atormentam e zombam de mim constantemente porque sabem que sou membro da Igreja. Como lidar com essa situação?”

A LIAHONA

Todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições” (II Timóteo 3:12). Os discípulos do Senhor devem muitas vezes suportar a perseguição. Pense em Néfi, Morôni e Joseph Smith. O próprio Salvador foi ridicularizado e “desprezado, e o mais rejeitado entre os homens” (Isaías 53:3). Os santos dos últimos dias, de vez em quando, ainda são perseguidos atualmente.

Duas maneiras de lidar com esse problema são ignorar o escárnio ou falar com aqueles que zombam de você. De qualquer maneira, ore por orientação para responder do melhor modo, e seja um bom exemplo. Você também pode pedir o conselho de seus pais. Pessoas da sua ala ou ramo, que talvez tenham passado pela mesma situação, podem dizer-lhe como superaram o problema.

Você pode ignorar a zombaria se não for ter contato com essas pessoas depois que as aulas acabarem. Durante esse tempo, seja paciente, ore pedindo forças e esforce-se para não ficar contrariado.

Em espírito de oração, decida se vai ignorar a zombaria ou conversar sobre o assunto com os que zombam de você.

Quando for defender a si e as suas crenças, não ridicularize ou fira os sentimentos de quem o tiver insultado.

Tente seguir o exemplo do Salvador. Seja bondoso, paciente; esteja pronto a perdoar. Ser um bom exemplo é uma maneira de prestar testemunho.

“Bem-aventurados são todos os que sofrem perseguição por amor ao meu nome, porque deles é o reino dos céus” (3 Néfi 12:10).

No entanto, se o contato com eles for necessário por mais algum tempo, considere a possibilidade de falar-lhes sobre o aborrecimento. Muitas vezes, aqueles que zombam dos membros da Igreja o fazem porque não entendem nossas crenças. Eles dizem coisas do tipo, “você não acredita em Cristo”, ou “se você não tomar bebida alcoólica, não tem como se divertir”. Nesse caso, você pode dizer-lhes que acredita em Jesus Cristo e que é membro da Igreja de Jesus Cristo. Ou explicar que prefere não tomar bebida alcoólica e que se diverte mesmo assim.

Quando for incomodado, tente seguir o exemplo do Salvador na maneira de reagir. O Senhor nunca ficava zangado ou tentava vingar-se daqueles que o feriam. Ele os amava e não se ofendia. Quando precisar de encorajamento, leia o que o Apóstolo Pedro ensinou sobre o exemplo do Senhor, em I Pedro 2:20–23.

Se buscar a ajuda do Senhor nesse desafio, essa será uma oportunidade de fortalecer a sua fé e mostrar aos seus colegas um exemplo cristão. Sua vida é um símbolo de sua fé no Senhor, disse o presidente Gordon B.



Hinckley: “Como seguidores Dele, não podemos fazer nada mesquinho, egoísta ou grosseiro sem macular Sua imagem. Também não podemos fazer nada de bom, amável e generoso sem fazer com que o símbolo Daquele cujo nome adotamos brilhe ainda mais. Portanto, nossa vida tem de transformar-se em uma expressão significativa, no símbolo da declaração de nosso testemunho do Cristo Vivo, do Filho Eterno do Deus Vivo” (“O Símbolo de Nossa Fé”, *A Liabona*, abril de 2005, p. 6).”

LEITORES



Se estivesse no seu lugar, eu tentaria suportar a humilhação sem procurar vingarme, porque eles não sabem o que fazem. Tentaria ser

um bom exemplo e daria o melhor de mim para ser irrepreensível em palavras e obras.

Fe’ofa’aki L., 15 anos, Nuku’alofa, Tonga

Veja a situação como sua oportunidade de compartilhar o evangelho por meio do exemplo. O Senhor nos admoesta a sermos

pacientes nas aflições, para que Nele possamos mostrar um bom exemplo para todos (ver Alma 17:11).

Leah N., 19 anos, Legazpi, Filipinas



Nunca, verbal ou fisicamente, ameace os que o aborrecem. Pensando no ensino médio, vejo que não conseguiria ter suportado

alguns dos insultos que recebi sem ter colocado minha esperança no Senhor, e sem o amor a Ele e aos Seus mandamentos. Quando passar pela porta no último

dia de aula, você nunca mais terá contato com a maioria daquelas pessoas. Tome a decisão de sair com a cabeça erguida e o testemunho forte, sabendo que foi fiel aos padrões do Senhor.

Samuel B., 19 anos, Montreal, Quebec, Canadá

O método que uso para resolver o problema é ter uma fé vigorosa em nosso Pai Celestial. Ele pode permitir que sejamos testados para que nos fortaleçamos. Acredito que Ele ame todos os Seus filhos e, por isso, quer disciplinar-nos. Não devemos pensar muito no que os outros dizem, porque isso pode nos confundir e nos amedrontar. Contudo, devemos continuar sendo um bom exemplo para nossos amigos. Devemos permanecer firmes como testemunhas em toda verdade e viver de acordo com os padrões corretos.

Apechard S., 18 anos, Khon Kaen, Tailândia



Sei como se sente. Na minha escola, os meninos acham que sou estranha, que sou “certinha demais” porque não falo palavrões nem faço coisas inapropriadas. Sentia-me muito só, mas fiz amizade com algumas meninas de bom coração, embora não sejam membros da Igreja. Hoje em dia, sempre que algum aluno está com dificuldades pede ajuda a mim, pois todos sabem que sou membro da Igreja, que não minto e que podem confiar em mim.

Ester K., 11 anos, Itatiba, Brasil

Sei o que é ser ridicularizado por ser membro de nossa Igreja. A experiência que tive mostra que, quando não nos envergonhamos do evangelho e da Igreja e defendemos nossa moral e padrões, as pessoas reconhecem que não chegarão a lugar algum zombando de nós. Os garotos que zombam não sabem no que realmente acreditamos.

Kelly E., 18 anos, West Jordan, Utah, EUA



“As dificuldades que enfrentamos na Terra têm significado e propósito. Pensem no Profeta Joseph Smith: durante toda a vida enfrentou uma oposição desanimadora—doenças, acidentes, pobreza, mal-entendidos, acusações falsas e até perseguição (...) Cada um de nós precisa passar por certas experiências para tornar-se mais semelhante ao Salvador. Na escola da mortalidade, muitas vezes os professores são o sofrimento e a tribulação, mas as aulas têm a finalidade de refinar-nos, abençoar-nos e fortalecer-nos, não de destruir-nos.”

Élder Robert D. Hales do Quórum dos Doze Apóstolos. “A Fé em Meio às Tribulações Traz Paz e Alegria”, A Liahona, maio de 2003, p. 17.

Você pode enfrentar a zombaria de maneiras simples como orar pelos que zombam e tentar falar-lhes com bondade sobre a Igreja e seus princípios. Seja sempre um exemplo de bondade e caridade e demonstre que sua fé é mais forte que as críticas e os insultos deles. Sei que essa atitude dará resultados, porque já a pratiquei, e os meus colegas começaram a compreender-me e a respeitar-me como membro da Igreja.

Karen P., 18 anos, Assunção, Paraguai



Como membros da Igreja, devemos ajudar aqueles que não conhecem a verdade. Meus colegas zombavam de mim e falavam mal da Igreja.

Ficava triste, mas orei com fé e pedi

ao meu Pai Celestial que me ajudasse a fazê-los compreender. Eu os ajudei, e agora eles me apóiam.

Ricay R., 14 anos, Comayaguela, Honduras

As respostas de A Liahona e dos leitores são auxílios e pontos de vista, e não declarações de doutrina da Igreja.

O QUE VOCÊ ACHA?

Jovens leitores: enviem suas respostas, juntamente com nome, data de nascimento, ala e estaca (ou ramo e distrito) e uma fotografia (inclusive uma autorização de seus pais para a publicação da foto) para:

Questions & Answers 5/06

50 E. North Temple St. Rm. 2420

Salt Lake City, UT 84150-3220, USA

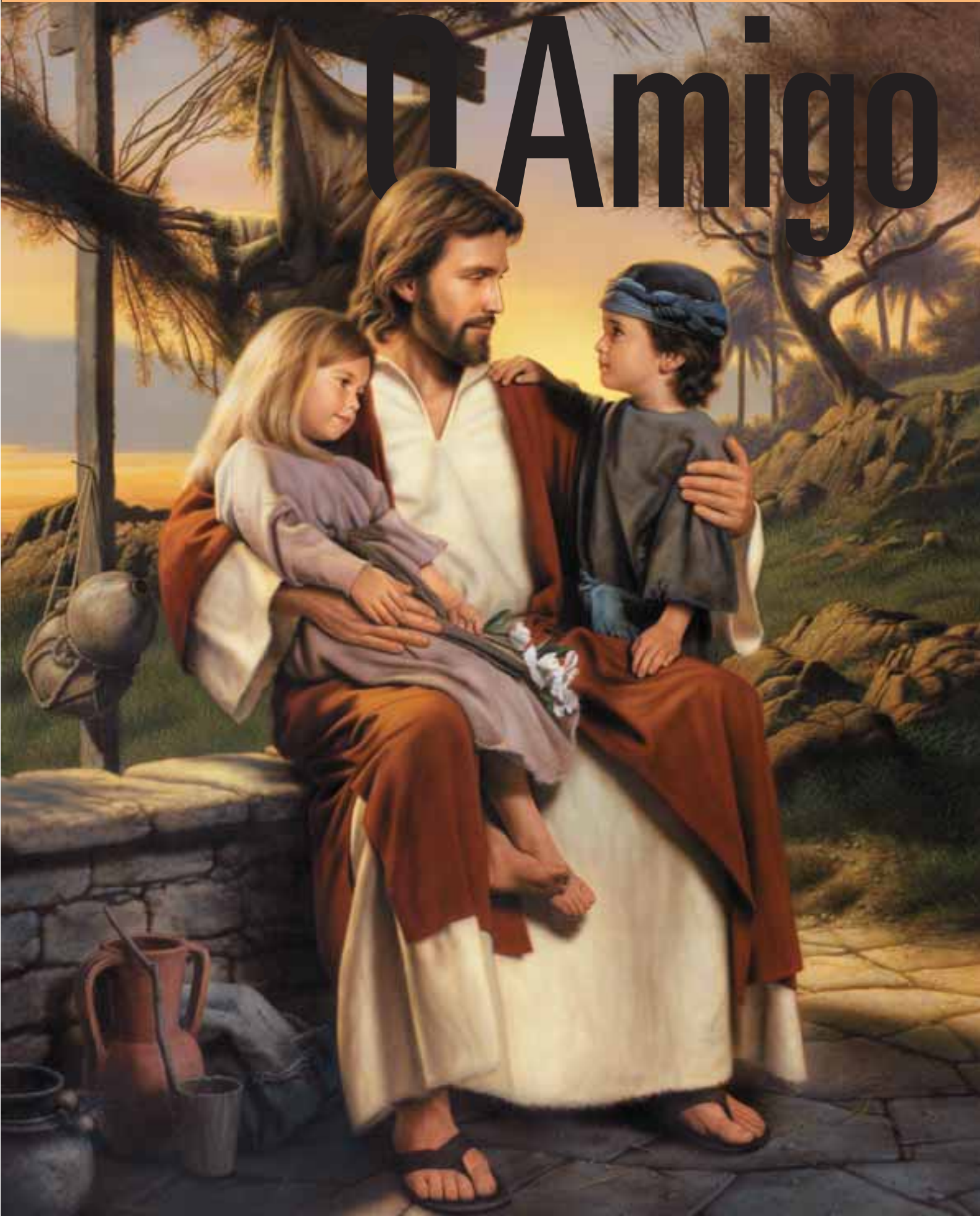
Ou e-mail: liahona@ldschurch.org

Responda até 15 de maio de 2006.

PERGUNTA:

“Um de meus amigos da Igreja não está vivendo alguns dos princípios do evangelho. Estou preocupado. Como posso ajudá-lo?” ■

O Amigo



Ele Vive!

PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY

A manhã de Páscoa é o Dia do Senhor, quando celebramos a maior vitória de todos os tempos: a vitória sobre a morte.

Aqueles que odiavam Jesus pensaram que tivessem acabado com Ele para sempre quando os cravos cruéis traspassaram Sua carne trêmula e a cruz foi erguida no Calvário. Mas Ele era o Filho de Deus, e eles não contavam com o Seu poder. Por meio de Sua morte veio a Ressurreição e a certeza de vida eterna.

Com tristeza indescritível, as pessoas que O amavam colocaram Seu corpo ferido e sem vida no sepulcro novo de José de Arimatéia. Ele lhes falara de Sua própria morte e Ressurreição, mas elas não entenderam.

O Sábado Judaico passou. Então surgiu um novo dia e, dali em diante, esse passaria a ser o Dia do Senhor. Em sua tristeza, Maria Madalena e as outras mulheres foram ao sepulcro. A pedra que o fechava não estava mais no lugar. Curiosas, elas olharam para dentro do sepulcro que, para seu espanto, estava vazio.

Transtornada e assustada, Maria correu ao encontro de Simão Pedro e do outro discípulo, a quem Jesus amava, e, gritou: “Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram” (João 20:2).

Ela, que O amara tanto; ela, que tinha sido curada por Ele, foi a primeira a quem Ele apareceu. Depois,



O Presidente Gordon B. Hinckley ensina que lembrar da Ressurreição do Salvador pode-nos dar paz.

seguiram-se outras aparições e, como Paulo declara, Ele chegou a aparecer a mais de 500 irmãos da Igreja de uma só vez (ver I Coríntios 15:6).

Então os Apóstolos passaram a entender o que Ele tinha tentado ensinar a eles. Tomé, ao tocar Suas feridas, declarou: “Senhor meu, e Deus meu” (João 20:28).

Pode alguém duvidar da veracidade desse registro? Certamente, nenhum acontecimento da história foi mais confirmado. Há o testemunho de todos que O viram e tocaram e que falaram com o Senhor após a Ressurreição. Há dois livros sagrados, o Livro de Mórmon e a Bíblia, que falam do mais glorioso de todos os acontecimentos de toda a história da humanidade. Além disso, há o testemunho, prestado pelo poder do

Espírito Santo, da veracidade e validade desse acontecimento extraordinário.

Nos momentos de profunda tristeza, nós encontramos esperança, paz e certeza nas palavras do anjo, naquela manhã de Páscoa: “Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito” (Mateus 28:6).

Ele é nosso Rei, nosso Senhor, nosso Mestre, o Cristo vivo que está à mão direita do Pai. Ele vive! Ele vive, resplandecente e maravilhoso, o Filho vivo do Deus vivo. ●

De um discurso da conferência geral de abril de 1996.



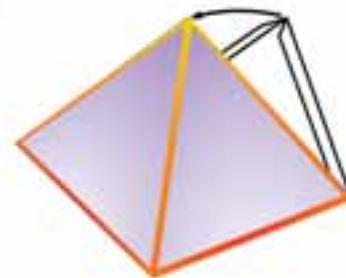
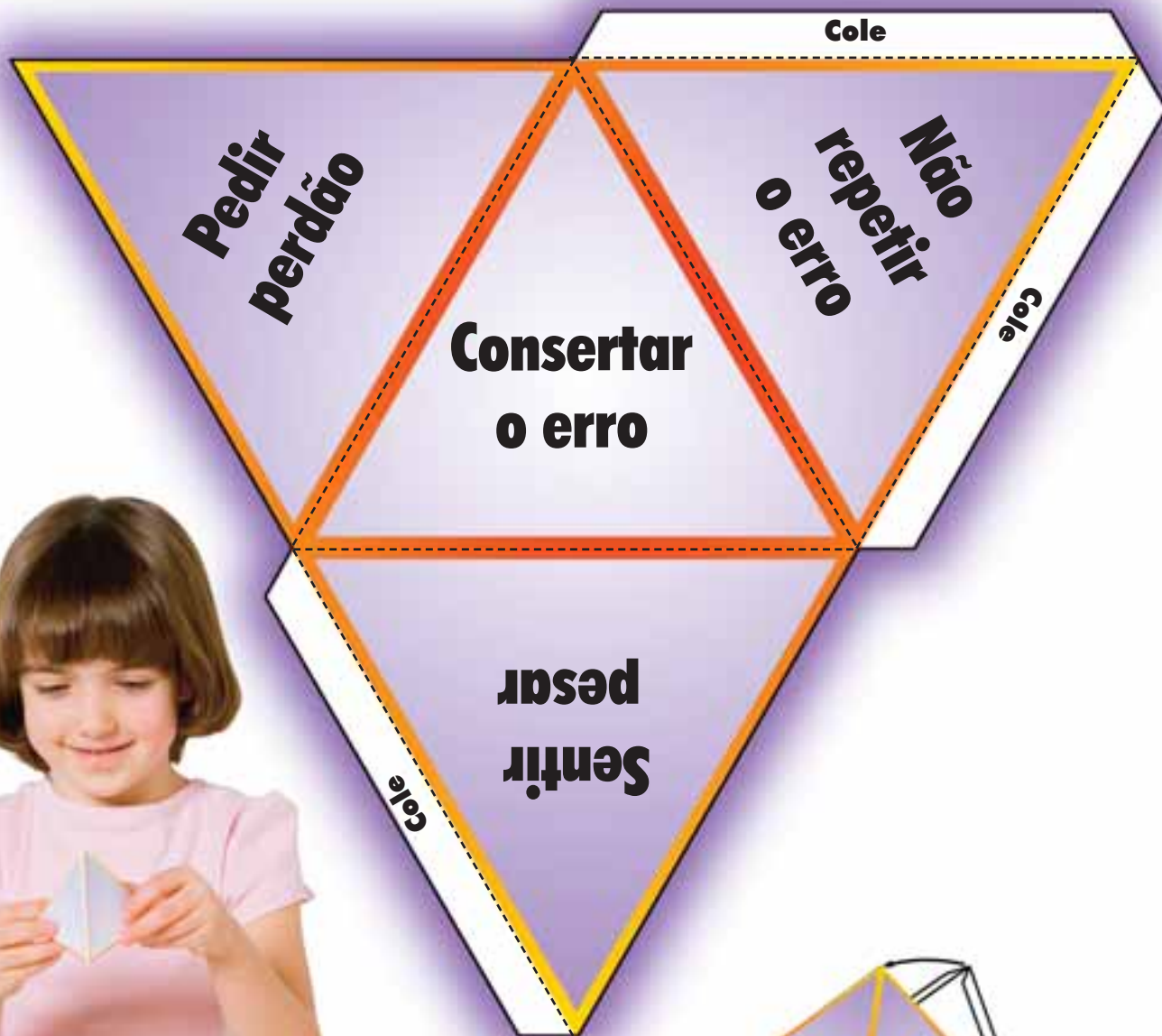
Estudos de caso

**O João disse algo indelicado sobre alguém.
O que ele deve fazer?**

**A Andréia não gosta de deixar outras crianças
brincarem com seus brinquedos. O que ela deve
fazer?**

**Alguns garotos não deixam outro menino brincar
com eles. O que eles devem fazer?**

**Lili pegou algo que não lhe pertence. O que ela
deve fazer?**



POSSO ARREPENDER-ME E SER FELIZ

“Eis que vos digo que deveis ter esperança de que, por intermédio da expiação de Cristo (...) sereis ressuscitados para a vida eterna; e isto por causa da vossa fé nele, de acordo com a promessa” (Morôni 7:41).

LINDA MAGLEBY



Havia uma garota que estava com um estrepe no dedo. O pai pegou o canivete, limpou-o e gentilmente foi furando o dedo da filha para alcançar uma ponta do estrepe e puxá-lo. Apesar de todo cuidado dele, doeu. Quando um estrepe entrou no dedo da menina novamente, ela não contou a ninguém. Depois de alguns dias, o dedo infeccionou. Doía tanto que ela queria que o estrepe fosse removido de qualquer jeito. O pai removeu-o com todo cuidado. Depois que o estrepe foi retirado, o dedo começou a melhorar.

Quando fazemos algo errado, sempre nos machucamos e, muitas vezes, machucamos outras pessoas. Podemos pensar que a dor passará, se a ignorarmos; mas, se a deixarmos de lado, o erro continuará a ferir-nos e a deixar-nos tristes.

O Pai Celestial nos ama. Ele quer que sejamos felizes. Ele enviou Seu Filho Jesus Cristo para tornar possível nosso arrependimento. Por meio da Expição, Jesus pagou o preço de nossos pecados, para que pudéssemos arrepender-nos e ser perdoados.

O arrependimento é uma forma de remover e curar um pecado que nos machuca espiritualmente. A primeira coisa de que precisamos é ter consciência de que fizemos algo errado e sentir pesar por isso. Esse sentimento vem do Espírito Santo. Devemos pedir perdão ao nosso Pai Celestial e a qualquer outra pessoa a quem tenhamos prejudicado. Precisamos fazer o máximo para corrigir qualquer problema causado por nossas escolhas erradas. Além disso, precisamos decidir não cometer o erro novamente. Depois que fizermos tudo que pudermos para nos arrepender, por causa da Expição de Cristo, o Pai Celestial nos perdoará. O arrependimento faz com que sejamos mais felizes agora, e torna possível vivermos com o Pai Celestial e Jesus para sempre.

Atividade

Você pode jogar sozinho ou com sua família. Recorte a figura na página A4, nas linhas mais escuras. Dobre nas linhas pontilhadas para formar uma pirâmide. Cole as extremidades de modo que fiquem dentro da pirâmide. Escolha um estudo de caso na lista, jogue a pirâmide fazendo-a rolar. Veja o aspecto do arrependimento escrito na parte da pirâmide que ficou virada para você e diga como devemos aplicá-lo à situação descrita no estudo de caso.

Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. *Antes de irmos à Terra, vivíamos com o Pai Celestial. Mostre a gravura 3 do Manual da Primária 3 (A Vida Pré-Mortal). Essa é a concepção de um artista de como é o céu. Diga que o Pai Celestial apresentou um plano em que todos nós receberíamos um corpo físico e aprenderíamos a escolher o que é certo. Leia Moisés 4:1-4 e peça às crianças que contem a história com suas próprias palavras. Pergunte: “Quem é o ‘Filho Amado’ de quem o Pai Celestial falou?” Mostre a figura 240 do Pacote de Gravuras do Evangelho (Jesus, o Cristo). No quadro, faça uma lista das seguintes frases: “Seria criada uma Terra onde poderíamos viver e provar que obedeceríamos aos mandamentos do Pai Celestial”; “Nós jubilamos [ficamos muito alegres] quando ouvimos o plano do Pai Celestial”; “Jesus foi preparado para nos redimir”; “Houve uma batalha no céu”. Faça outra lista, fora de ordem, com as seguintes escrituras: Abraão 3:24-25; Jó 38:7; Éter 3:14; Apocalipse 12:7-9. Faça com que as crianças leiam as escrituras e liguem cada escritura a uma frase.*

2. *Leia e discuta 2 Néfi 2:27. Ressalte que as escolhas mais importantes que faremos serão o bem ou o mal. Separe as crianças em três grupos e dê a cada grupo uma das seguintes figuras: figura 309 do Pacote de Gravuras do Evangelho (Alma Batiza nas Águas de Mórmon), figura 310 (Amon Defende os Rebanhos do Rei Lamôni), figura 311 (Os Ânfi-Néfi-Leítas Enterrando Suas Espadas). Cada uma dessas histórias fala de pessoas que se rebelaram, arrependeram-se e decidiram servir ao Senhor. Peça a cada grupo que, com a ajuda dos professores e utilizando as escrituras e a história atrás de cada figura, prepare e represente de maneira simples a história da gravura. ●*



DA VIDA DO PRESIDENTE WILFORD WOODRUFF

Eles Estavam Dizendo a Verdade



Desde garoto, Wilford Woodruff queria saber qual igreja era a verdadeira. Aos 26 anos de idade, ainda não tinha se filiado a nenhuma igreja e morava na fazenda de seu irmão mais velho, Azmon.

Pai Celestial, ajude-me a saber como viver minha vida.

Em 29 de dezembro de 1833, dois missionários mórmons pararam na casa de Azmon. Ele e Wilford estavam fora trabalhando, mas a esposa de Azmon estava em casa.

Deus restaurou Sua Igreja na Terra e gostaríamos de lhe falar mais a respeito.

Meu marido e meu cunhado não estão em casa agora, mas certamente estamos interessados no assunto.

Naquela tarde, os missionários alugaram o prédio da escola local. Eles distribuíram avisos convidando todos que quisessem mais informações sobre o evangelho a ir à reunião à noite.



Quando Wilford chegou em casa do trabalho, a cunhada lhe falou da reunião. Ele imediatamente deu meia-volta com os cavalos e rumou para a escola, orando durante todo o trajeto para saber se os missionários eram ou não verdadeiros seguidores de Cristo.

Mas Wilford, e o jantar?

Esses homens podem ser a resposta para minhas orações! Eu tenho que ir!

Wilford chegou à escola, que estava cheia de pessoas. Seu irmão Azmon já estava lá. Como Wilford não encontrou nenhuma cadeira vazia, sentou-se em uma das carteiras, de onde podia ver e ouvir tudo.

Eu presto o firme testemunho da autenticidade divina do Livro de Mórmon. Sei também que Joseph Smith é um profeta que veio para cumprir uma grande missão aqui na Terra.

Sinto o Espírito dizer-me que esses são homens de Deus.

Depois de acabarem de falar, os missionários perguntaram às pessoas da congregação se elas gostariam de levantar-se e dizer alguma coisa. Imediatamente Wilford se levantou e disse a todos que sabia que os missionários estavam dizendo a verdade.

O Senhor me impele a prestar testemunho da veracidade dessa mensagem. Não se oponham a esses homens porque eles são verdadeiros servos de Deus e pregaram para nós o puro evangelho de Jesus Cristo.

Dois dias depois, Wilford e seu irmão Azmon foram batizados.

Adaptado de Leon R. Hartsborn, ed., Classic Stories from the Lives of Our Prophets, 1971, pp. 106-108; e Susan Arrington Madsen, The Lord Needed a Prophet, 1990, p. 64.

Pessoas que Amam



Sua família lhe foi dada pelo Pai Celestial, e seus pais o amam muito. Sempre retribua esse amor.



Há muitas pessoas na igreja que você se sinta em casa.

O **Pai Celestial** e **Jesus Cristo** amam você mais do que você imagina. Jesus sofreu e morreu por você. O Pai Celestial ouve suas orações e fala com você por meio do **Espírito Santo**. Eles deram-nos a Igreja e o sacerdócio.

O **bispo ou presidente de ramo** preside a ala ou o ramo com a ajuda de seus dois **conselheiros**. Esses três homens são seus amigos verdadeiros e querem que você seja feliz.



e Servem Você



Seja que o amam e querem
Aqui estão algumas delas.

Os **portadores do Sacerdócio Aarônico** preparam, abençoam e distribuem o sacramento. Essa ordenança sagrada permite aos membros batizados renovar seus convênios batismais. As crianças menores de 8 anos também podem tomar o sacramento e lembrar-se de Jesus.



Durante o mês, seus **mestres familiares** lhe farão uma visita para ter certeza de que você está bem. Eles também ensinarão à família mais coisas sobre o evangelho.



A Primária é uma organização para crianças da ala ou ramo. A **presidente da Primária** e suas duas **conselheiras** conduzem as reuniões e ajudam você a aprender e viver o evangelho.

A **pianista** toca e a **líder de música** da Primária rege a música na Primária. Os hinos sobre o Evangelho são um tipo especial de oração. Cante-os de coração e sentirá o Espírito.



A **professora (ou o professor)** da Primária ensina as lições do evangelho à sua classe da Primária. Ela ora ao Pai Celestial pedindo ajuda para ensinar a verdade a você e está ansiosa por responder a suas perguntas.



Um Mestre Familiar Extraordinário

TESS HILMO

Inspirado em uma história real

“Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações” (Tiago 1:27).

A atividade de sábado será uma aula de culinária para pai e filha”, a irmã Marshall anunciou. Uma onda de cochichos animados varreu nosso grupo da Primária. Suponho que todas as meninas estavam imaginando sobre-mesas recém-saídas do forno, brincadeiras divertidas e duas horas inteirinhas com o pai. Todas, menos eu. Eu não tinha pai—nem mesmo um pai que só me visitasse nos fins-de-semana, como os pais de algumas garotas da escola. Em vez de sentir alegria, fiquei nervosa e senti o coração apertado. Senti meu rosto ficar vermelho e cerrei os dentes, lutando para conter as lágrimas.

A irmã Marshall deve ter notado minha reação. Assim que a reunião acabou, ela gentilmente colocou a mão em meu ombro. “Você pode trazer sua mãe, Tess.” Ela disse isso com boas intenções, mas aquelas simples palavras bastaram para eu começar a chorar. Abaixei a cabeça para ela não notar e afastei-me.

“Tudo bem”, disse a mim mesma. “Você não tem que ir a essa atividade bobá.” Mas eu sabia que isso era mentira. Eu teria dado qualquer coisa para ter uma família que não precisasse de instruções especiais da irmã Marshall—uma família igual a dos outros que eu via sentados nos bancos da capela todo domingo. Mas meu pai tinha abandonado a mim e minha mãe quando eu ainda era bebê. Não ouvíamos falar dele havia muitos anos e



eu sabia que ele não apareceria, como em um passe de mágica, a tempo para a atividade de sábado.

“Deixa pra lá!”, eu já tinha dito isso pelo menos umas cem vezes desde nosso batismo, há três anos. Nossa família estava muito mais forte agora que tínhamos um testemunho do plano do Pai Celestial e eu era grata por tudo que o evangelho nos tinha dado. Ainda assim, não tinha sido fácil

fazer amizade com pessoas que estavam juntas desde que eram pequenas: que tinham ido ao batismo umas das outras e participado juntas das atividades da Primária e festinhas da ala. Eu era a garota nova e, apesar de as outras fazerem o máximo para que me sentisse incluída, eu ainda sentia que era diferente. Às vezes, sentia-me como um quebra-cabeça sem a peça principal.

“Como foi a aula?”, mamãe perguntou alegremente enquanto íamos para casa. Ela havia mudado muito depois de nosso batismo: estava mais feliz e mais confiante.

“Ótima”, menti. Achei melhor não preocupá-la com a aula de culinária. Além disso, não havia nada que ela pudesse fazer.

A semana passou depressa. O dever de casa, as tarefas domésticas e os amigos mantiveram-me ocupada e fizeram com que me esquecesse da atividade de sábado. Isto é, até o telefone tocar na sexta-feira à noite.



“É para você”, disse minha irmã mais velha, segurando o telefone.

“Alô?”

“Oi, Tess. Aqui é o irmão Erickson.” O irmão Erickson era nosso mestre familiar. Ele era dono de uma sorveteria na cidade e

algumas vezes trouxe potes de sorvete de diferentes sabores para nossa casa. Muitas vezes ele me fazia rir com seus olhos brilhantes e sorriso franco, mas eu não podia imaginar por que ele queria falar comigo.

Sua voz era alegre e vigorosa. “Estava pensando se você permitiria que eu fosse com você à aula de culinária amanhã.”

Prendi a respiração e dei uma olhada para a cozinha onde mamãe estava lavando a louça do jantar. Sorri ao ver as bolhas de sabão em seus braços. “Ela não poderia ter contado a ele”, pensei. “Ela nem sabia.” Imaginei que talvez a irmã Marshall tivesse telefonado para ele.

“Eu vi o anúncio no quadro de avisos da ala no domingo passado”, continuou ele. “Parece que será divertido.”

“Ah sim, o quadro de avisos.”

“Então? Acha que agüentaria acompanhar um velhinho como eu na atividade?”

“O senhor não tem que...” comecei a falar.

“Mas eu quero ir!” Então, ficou em silêncio por um momento e disse: “Por favor”.

“Está bem.” Para ser honesta, eu não estava plenamente certa de que tudo ficaria bem. Quero dizer, eu não o conhecia tão bem assim, mas fiquei tão alegre por poder ir à atividade que deixei as dúvidas de lado.

O sábado chegou e quando mamãe me deixou na igreja, o irmão Erickson já estava esperando por mim, usando um avental vermelho vivo. Quando vi o sorriso



dele, fiquei mais calma e nós nos misturamos aos outros pais e filhas. Foi muito divertido aprender a fazer torta de cereja e chantilly caseiro na cozinha lotada da capela. Nem uma vez ele agiu como se estivesse

fazendo-me um favor ou só cumprindo seu chamado.

Quando mamãe chegou para me buscar, o irmão Erickson cumprimentou-me animado e disse: “Obrigado pela companhia. Foi muito divertido!” Eu sabia que ele estava sendo sincero.

Passaram-se os anos e o irmão Erickson continuou sendo nosso mestre familiar. Além de suas visitas, convidava minha família para participar de brincadeiras à noite, em sua casa. Ele participou comigo de outras atividades de pai e filha e deu-me meu primeiro emprego na sua sorveteria quando fiz 16 anos.

Depois da faculdade, quando me casei no Templo de Los Angeles, Califórnia, pedi ao irmão Erickson que fosse a testemunha. Quando entrei na sala de selamento, eu o vi sentado na cadeira geralmente reservada para o pai da noiva. Ele deu-me um sorriso brincalhão e eu percebi que ele estava exatamente onde deveria estar. Afinal de contas, ele era um mestre familiar extraordinário e se tornara um amigo muito querido. ●

Tess Hilmo é membro da Ala Highland Fourth, Estaca Highland Utah.



“O sacerdócio pode abençoar os membros por meio do trabalho dos mestres familiares.”

Presidente James E. Faust, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência, “Father, Come Home,” (Pai, Volte para Casa) Ensign, maio de 1993, p. 36.

Sua Mansa Voz

Reverentemente ♩ = 96-108

Com su-a man - sa voz, — oEs - pí - ri - to me fa - la, Gui -
suavemente

an - do, sal - van - do do pe - ri - go e do mal. — Se eu ten -

tar fa - zer o bem, — Su - a o - rien - ta - ção te - rei, — A gui -

ar - me, a guar - dar - me, e a ba - nhar - me a al - ma em luz.

Ou - ça, ou - ça: oEs - pí - ri - to sus - sur - ra;

mais suave

Ou - ça, ou - ça su - a man - sa voz.

muito suave

Letra e música: Merrill Bradshaw, 1929-2000. © 1969 IRI
 Esta música pode ser copiada para ser usada no lar ou na Igreja, não para fins comerciais.

D&C 8:2-5

Por Que Eu Creio em Jesus Cristo

LINDSEY M.

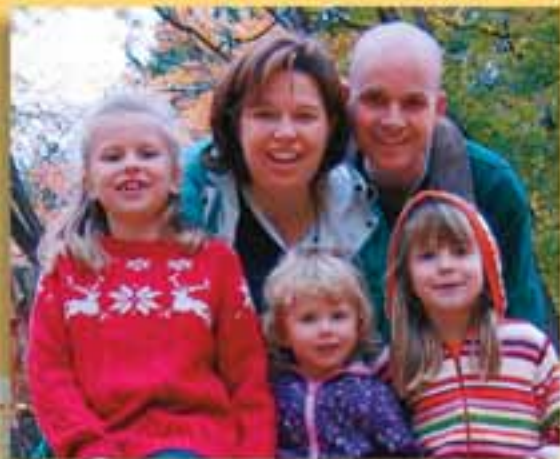
Discurso proferido em 6 de fevereiro de 2005, em uma conferência de estaca.

“Este é o testemunho que está em mim” (Alma 7:13).

Quero dizer a vocês por que eu creio em Jesus Cristo. **As Escrituras** ajudam meu testemunho de Jesus Cristo a crescer. Elas nos falam a respeito Dele: que Ele criou o mundo e que morreu por nós para que pudéssemos viver com Ele novamente. As escrituras nos ensinam que Jesus nos ama e quer abençoar-nos. Nas escrituras, gosto especialmente da história de quando Jesus abençoou as crianças nefitas.

Minha família ajuda meu testemunho de Jesus Cristo a crescer, pois me ensina o evangelho, ama-me e cuida de mim. Quando realizamos a noite familiar, contamos histórias do Salvador e falamos do que sentimos por Ele.

A oração ajuda meu testemunho a crescer. Quando minha irmãzinha Rachel nasceu, teve problemas para



respirar e teve que usar uma máscara de oxigênio. Eu não podia segurá-la e ela teve que ficar internada no hospital. Eu orei pedindo que ela melhorasse e fosse para casa conosco. Minha oração foi respondida. Ela melhorou e foi para casa conosco pouco depois. A oração ajuda a sentir-me mais próxima de Jesus Cristo.

Os Professores e Líderes ajudam meu testemunho a crescer. Quando vou à Igreja, aprendo e ouço o testemunho de outras pessoas. Meus mestres familiares, o irmão Hackett e o irmão Pahnke, também prestam testemunho para minha família.

Os Profetas ajudam meu testemunho a crescer. Gosto muito de ler a respeito dos profetas, de ficar sabendo como foi sua vida e como eles se empenhavam em seguir Jesus Cristo. Uma das histórias de que mais gosto é a de quando Joseph F. Smith (1830–1918) estava voltando a Salt Lake City com vários missionários quando um grupo de valentões se aproximou deles. Eles atiravam, praguejavam e gritavam. O líder saltou do cavalo e gritou: “Mataremos qualquer um que seja mórmon!” Todos os outros missionários correram para se esconder no meio da mata, mas Joseph F. Smith continuou firme onde estava. O homem estava armado e perguntou: “Você é mórmon?” Joseph F. Smith empertigou-se ainda mais e disse: “Sim, senhor. Sou mórmon roxo, de quatro costados, até debaixo d’água!” O homem ficou surpreso. Guardando a arma, apertou a mão de Joseph e disse: “Bem, você é um dos homens mais agradáveis que já conheci! Fico contente em ver um homem que defende suas convicções”, então foi embora e nunca mais os perturbou.¹

O encarte de *A Liabona*, **O Amigo**, ajuda minha fé a crescer. Gosto de ler as histórias e

ver os desenhos que as crianças fazem de Jesus Cristo. Gosto de ficar sabendo de outras pessoas que vivem o evangelho e têm testemunho.

Os Pioneiros ajudam meu testemunho de Jesus Cristo a crescer porque se sacrificaram para segui-Lo. Tenho um antepassado chamado Lars Larson, que ouviu os missionários e decidiu seguir Jesus Cristo apesar de seus pais ficarem zangados com isso. Eles lhe disseram que se ele fosse batizado, não o deixariam morar com eles e não o ajudariam em mais nada. O testemunho dele era tão forte que ele deixou a família para seguir o Salvador e ser batizado. Mais tarde, ele foi chamado para ser missionário e foi enviado para o lugar onde sua família morava. Ele foi à casa dos pais, a mãe atendeu a porta e, quando o viu, ia fechar rapidamente a porta, mas ele segurou a porta antes que ela se fechasse completamente e simplesmente disse: “Mãe, só queria que a senhora soubesse que eu encontrei a verdade”. Com esse testemunho a vida não era fácil: por causa dele Lars perdeu muitas coisas, mas seguir o Salvador era tão importante para ele que valia a pena o sacrifício.

Meu batismo ajuda meu testemunho de Jesus Cristo a crescer. Eu decidi ser batizada no ano passado. Fiz um convênio com o Pai Celestial e Jesus Cristo porque quero segui-Lo, sentir Seu amor e a influência do Espírito Santo na vida.

Eu acredito mesmo em Jesus Cristo. Tenho um testemunho de que Ele morreu por nós, de que Ele ressuscitou, de que Ele vive e nos ama, e de que Ele quer-nos abençoar e ajudar. ●

Lindsey M. tem 9 anos, é de Salt Lake City, Estados Unidos da América.

NOTA

1. Ver *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph F. Smith*, 1998, p. 104.



Minha Decisão de Ser Batizado

JOSÉ M.

*“Quem me segue não andarรก em trevas, mas terรก a luz da vida”
(Joรกo 8:12).*

Meus pais me ajudaram a preparar-me para o batismo e a entender por que eu precisava ser batizado. Comecei a ler o Livro de Mórmon com minha mãe e quanto mais eu lia, mais gostava.

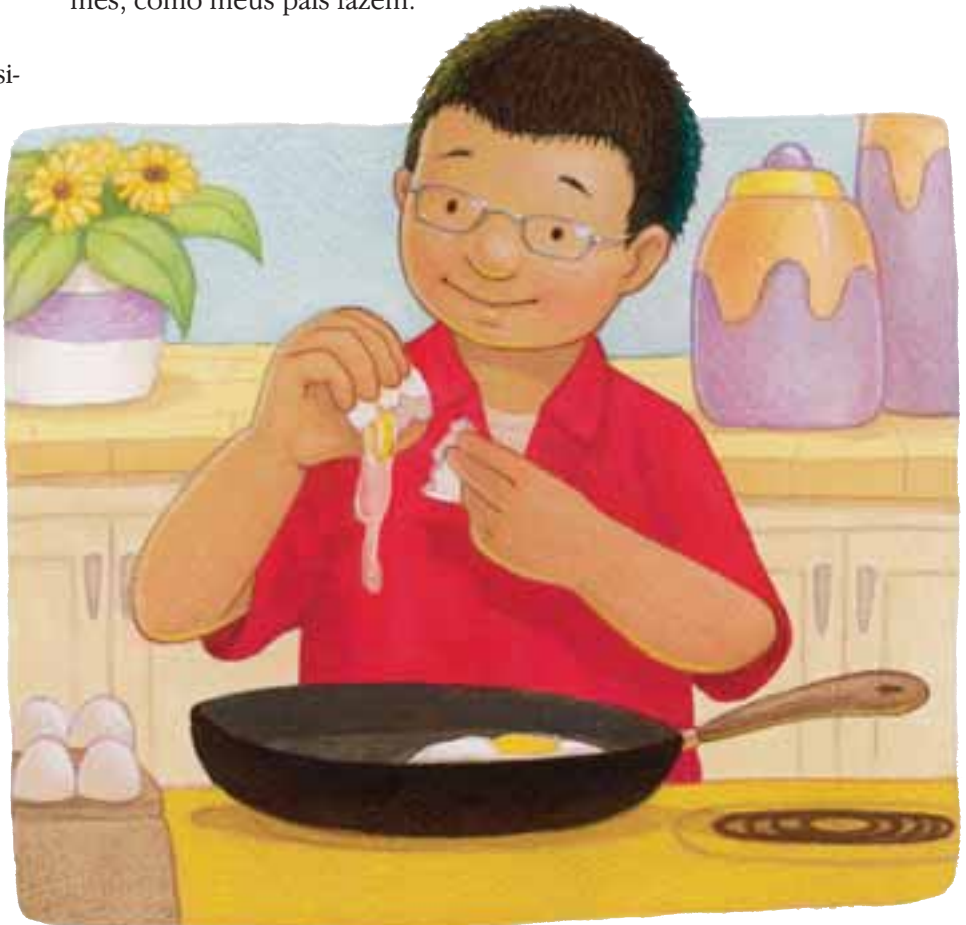
Depois, os missionários me ensinaram e comecei a entender as coisas que aprendera na Primária. Quando os missionários me perguntaram se eu queria tomar sobre mim o nome de Cristo, fiquei um pouco assustado porque sabia das responsabilidades que acompanhavam o batismo; mas eu disse sim: eu queria ser batizado assim que fizesse oito anos.

No dia 14 de novembro de 2004, fui batizado e tornei-me membro da Igreja. Daí em diante, enfrentei muitas situações que me fizeram lembrar que preciso sempre viver como Jesus Cristo. Por exemplo, tenho uma irmã de sete e outra de dois anos de idade e, agora, sei que tipo de exemplo

preciso dar a elas. Tento tomar conta de minha irmã na escola e ajudá-la a comportar-se bem. Eu estudo muito na escola e, em casa, tento ser mais tranqüilo para que minhas irmãs façam o mesmo. Ajudo minha mãe a preparar o jejum todo domingo e comecei a jejuar no primeiro domingo do mês, como meus pais fazem.

Percebo que sou abençoado à medida que tento fazer o que Jesus ensinou. Meus pais me ensinam a sentir o amor do Salvador em tudo que faço. Espero ansiosamente pelo dia em que poderei servir em uma missão. ●

José M. tem 9 anos e mora em Tacoma, Washington, Estados Unidos da América.





CORTESIA DE ALTUS FINE ART, AMERICAN FORK, UTAH. NÃO PODE SER COPIADO

Por Que Choras? de Simon Dewey

“Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? Quem buscas? Ela, cuidando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni (que quer dizer, Mestre)” (João 20:15–16).



A Ressurreição “foi o maior milagre da história da humanidade”, disse o Presidente Gordon B. Hinckley. “Anteriormente Ele lhes dissera: ‘(...) Eu sou a ressurreição e a vida’, (João 11:25) mas elas não compreenderam. Agora elas sabiam. Ele morreu em sofrimento, dor e solidão; então, no terceiro dia, ergueu-Se com poder, beleza e vida: as primícias dos que dormem, a certeza para os homens de todas as épocas de que ‘assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo’ (I Coríntios 15:22).” Ver “Do Jardim ao Túmulo Vazio”, página 8.

